



Magnetismo e Espiritismo

-Coletânea de artigos publicados na
Revista Espírita digital

ÍNDICE

Magnetismo e Espiritismo - Dois ramos de uma mesma ciência	3
Ciências solidárias	4
Duas ciências gêmeas	4
Uma potência natural	4
Simpatia e antipatia entre os seres pensantes	5
O magnetismo na mediunidade, na cura de obsessões, no sonambulismo	6
O que é magnetismo animal	7
O magnetizador e o médium curador	8
O homem é um ser triplo: alma, perispírito e corpo	9
O perispírito	10
O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito	10
As três causas principais das doenças	11
Da magnetização ordinária e do médium curador	12
Intervenção dos parentes nas curas	15
Algumas palavras sobre o magnetismo nas curas	18
O Príncipe de Hohenlohe, médium curador	19
Poder curativo do magnetismo espiritual	24
A mediunidade no copo d'água	28
Muitos entrarão no Espiritismo por essa porta	31
Mediunidade e magnetismo	33
O Magnetismo e o Espiritismo comparados	34
Médiuns curadores	38

Magnetismo e Espiritismo - Dois ramos de uma mesma ciência

“...o Magnetismo e o Espiritismo se dão a mão; são duas partes de um mesmo todo, dois ramos de uma mesma ciência que se completam e se explicam uma pela outra. Dar crédito ao Magnetismo é abrir caminho para o Espiritismo, e reciprocamente.” Allan Kardec¹

Após termos publicado uma série de artigos sobre *Mediunidade* e outra sobre as *Reuniões Espíritas no Lar*, faremos algumas publicações sobre o Magnetismo, conforme nos orientou nosso mestre Allan Kardec. Vamos tomar por base os ensinamentos dados nas obras do próprio mestre, a fim de não deixar dúvidas quanto à fonte de onde eles promanam. Eis o que ele escreveu na sua *Revue Spirite*:

"O magnetismo preparou as vias do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas, há apenas um passo; sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro. Se tivéssemos que ficar fora da ciência magnética, nosso quadro ficaria incompleto e poderíamos ser comparados a um professor de física que se abstinha de falar da luz. Todavia, como o magnetismo já possui entre nós órgãos especiais justamente acreditados, seria supérfluo encarregar-nos de um assunto tratado com a superioridade do talento e da experiência;² dele não falaremos, pois, senão acessoriamente, mas de maneira suficiente para mostrar as relações íntimas das duas ciências que, em realidade, não são senão uma.

"Devíamos aos nossos leitores esta profissão de fé, que terminamos com uma justa homenagem aos homens de convicção que, enfrentando o ridículo, o sarcasmo e os dissabores, corajosamente se devotaram à defesa de uma causa toda humanitária.

"Seja qual for a opinião pessoal dos contemporâneos, opinião que é sempre mais ou menos o reflexo das paixões vivazes, a posteridade lhes fará justiça; ela colocará os nomes do Barão Du Potet, diretor do *Journal du Magnétisme*, do Sr. Millet, diretor da *Union Magnétique*, ao lado de seus ilustres antecessores, o Marquês de Puységur e o sábio Deleuze. Graças aos seus esforços perseverantes, o magnetismo, popularizado, fincou pé na ciência oficial, onde já se fala dele aos cochichos.³ Essa palavra passou à

¹ Revista Espírita, novembro de 1867 - O zuavo Jacob - Segundo artigo.

² No *Catálogo Racional das obras que servem para fundar uma biblioteca espírita*, o Sr. Allan Kardec recomenda algumas obras de autores reconhecidos, na seção Magnetismo.

³ Veja-se: Revista Espírita, janeiro de 1860 - O Magnetismo perante a Academia.

linguagem usual; já não afugenta mais, e quando alguém se diz magnetizador, já não riem mais na sua cara.”⁴

Ciências solidárias

"O Espiritismo se liga ao magnetismo por laços íntimos (essas duas ciências são solidárias uma da outra); e no entanto, quem poderia acreditar que o Espiritismo encontra adversários encarniçados mesmo entre certos magnetizadores que, nem por isso, contam com a oposição dos espíritas. Os Espíritas sempre preconizaram o magnetismo, seja como curativo, seja como causa primeira de uma porção de coisas; defendem a sua causa e vêm prestar-lhe apoio contra os seus inimigos. Os fenômenos espíritas têm aberto os olhos de muita gente, às quais ligam, ao mesmo tempo, ao magnetismo. Não é estranho ver os magnetizadores esquecerem tão depressa os preconceitos de que foram vítimas; negarem a existência de seus defensores e lançarem contra eles os dardos que outrora eram lançados sobre si próprios? Isto não é nobre nem digno de homens a quem a Natureza, desvendando os seus mais sublimes mistérios, mais que aos outros tira o direito de pronunciarem o famoso *nec plus ultra*.”⁵

Duas ciências gêmeas

"O Magnetismo e o Espiritismo são, com efeito, duas ciências gêmeas, que se completam e se explicam uma pela outra, e aquela das duas que não quer *imobilizar-se* não pode chegar ao seu complemento sem se apoiar na sua congênere; isoladas uma da outra, detêm-se num impasse; elas são reciprocamente como a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia. A maioria dos magnetistas compreende de tal modo por intuição a relação íntima que deve existir entre as duas coisas, que geralmente se prevalecem de seus conhecimentos em magnetismo como meio de introdução junto aos espíritas.

"Em todos os tempos os magnetistas estiveram divididos em dois campos: os *espiritualistas* e os *fluidistas*. Estes últimos, muito menos numerosos, fazendo mais ou menos abstração do princípio espiritual, quando não o negam absolutamente, atribuem tudo à ação do fluido material; eles estão, por conseguinte, em oposição de princípios com os espíritas. Ora, é de notar que, se nem todos os magnetistas são espíritas, todos os espíritas, *sem exceção*, admitem o magnetismo. Em todas as circunstâncias eles se fizeram seus defensores e baluartes.”⁶

Uma potência natural

⁴ Revista Espírita, março de 1858 - Magnetismo e Espiritismo.

⁵ Revista Espírita outubro de 1858 - Emprego oficial do magnetismo animal.

⁶ Revista Espírita, janeiro de 1869 - Estatística do Espiritismo

“...O magnetismo é uma potência natural, e ante as forças naturais o homem é um pigmeu, semelhante a esses cachorrinhos que latem inutilmente contra o que lhes apavora.”⁷

Allan Kardec afirma que há uma estreita ligação entre a ciência do Magnetismo e o Espiritismo, como a que há entre a Física e a Química, a Anatomia e a Fisiologia. Se assim é, quem quiser compreender o que significa essa ligação e o papel que cabe ao Magnetismo e ao Espiritismo, que constituem uma mesma ciência, deverá estudá-las seriamente.

Um ponto importante a observar é que pode haver magnetistas materialistas, ou seja, que negam a existência e a ação dos Espíritos, como é o caso de certos *fluidistas*, como citado logo acima; no entanto, o espírita jamais poderia deixar de ser espiritualista sem deixar de ser espírita.

Outro ponto importante a se notar é que, ao referir-se ao Magnetismo como ciência, Allan Kardec não fala somente do magnetismo animal, ou humano, que é apenas um de seus aspectos, mas da ciência magnética como um todo. Essa ciência abrange um campo bem mais vasto, contemplando as simpatias e antipatias terrenas, a mediunidade, as relações dos homens entre si, a dos Espíritos entre eles mesmos e entre eles e os homens, que também são Espíritos. O Magnetismo tem a ver com certas doenças e com certas curas, com a prece, com o sonambulismo, com a possessão, etc. O que é hoje conhecido pelo termo *hipnotismo* foi o novo nome dado ao magnetismo pelo barão Étienne Félix d'Henin de Cuviller, em 1819, popularizado pelo médico escocês Dr. James Braid, com a publicação do seu livro *Neurypnologie, Traité du sommeil nerveux ou hypnotisme, considéré dans ses relations avec le magnétisme animal*, publicado em 1843.⁸

Vamos reproduzir a seguir alguns textos que deixam claro o que Allan Kardec quis dizer quando afirmou que o Magnetismo e o Espiritismo são dois ramos de uma mesma ciência que se completam e se explicam uma pela outra.

Simpatia e antipatia entre os seres pensantes

"Entre os seres pensantes há ligações que ainda não conheceis. O magnetismo é o piloto desta ciência, que mais tarde compreenderéis melhor."⁹

⁷ Revista Espírita, janeiro de 1858 - Introdução.

⁸ Revista Espírita, janeiro de 1860 - O Magnetismo perante a Academia.

⁹ O Livro dos Espíritos - Do mundo espírita ou mundo dos Espíritos, cap. VII - Da volta do Espírito à vida corporal - Simpatias e antipatias terrenas, item 388.

O magnetismo na mediunidade, na cura de obsessões, no sonambulismo

“O que é, efetivamente, o Espiritismo, ou melhor, o que é a mediunidade, essa faculdade até aqui incompreendida, cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É pura e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou vários magnetizadores *desencarnados*, sobre um paciente humano, agindo no estado de vigília ou no estado extático, consciente ou inconscientemente.

"Por outro lado, o que é o magnetismo? Uma variedade do Espiritismo, na qual Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

“Existe, enfim, uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, conforme se toma como ponto de partida a ação dos encarnados sobre os encarnados, ou a dos Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; esta terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, revela-se no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

“O Espiritismo não é, pois, senão o magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão o Espiritismo humano.

“Com efeito, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sujeito sonambúlico? Ele envolve-o em seu fluido; ele o possui numa certa medida e, notai-o, sem jamais conseguir aniquilar seu livre-arbítrio, sem poder transformá-lo em coisa sua, um instrumento puramente passivo. Muitas vezes o magnetizado resiste à influência do magnetizador, e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora, geralmente, o sonâmbulo esteja adormecido, e que o seu próprio Espírito aja enquanto o seu corpo fica mais ou menos inerte, também acontece, embora mais raramente, que o sensitivo simplesmente fascinado, iluminado, fique em vigília, embora com maior tensão de espírito e uma inusitada exaltação de suas faculdades.

“E agora, como procede o Espírito que deseja comunicar-se? Envolve o médium com o seu fluido; possui-o em certa medida, sem jamais dele fazer uma coisa, um instrumento puramente passivo. Objetar-me-eis, talvez, que nos casos de obsessão, de possessão, o aniquilamento do livre-arbítrio parece ser completo. Haveria muito a dizer sobre esta questão, porque a ação aniquiladora se faz mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito, que pode achar-se paralisado, dominado e impotente para resistir, mas cujo pensamento jamais é aniquilado, como foi possível constatar em muitas ocasiões. Mesmo no caso da obsessão, encontro uma confirmação, uma prova em apoio à minha teoria, lembrando que a obsessão se exerce também *de encarnado a encarnado*, e que temos visto magnetizadores aproveitando o domínio que exerciam, para levar seus sonâmbulos a cometerem ações censuráveis. Aqui, como sempre, a exceção confirma a regra.

"Embora geralmente o sensitivo mediúnico esteja desperto, em certos casos, que se tornam cada vez mais frequentes, o sonambulismo espontâneo se declara no médium, e este fala por si mesmo, ou por sugestão, absolutamente como o sonâmbulo magnético se conduz nas mesmas circunstâncias.

“Enfim, como procedeis relativamente aos Espíritos obsessores ou simplesmente inferiores que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; vós os magnetizais, as mais das vezes inconscientemente, para retê-los em vosso círculo de ação, e algumas vezes conscientemente, quando estabeleceis em torno deles uma toalha fluídica que eles não podem penetrar sem vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral, que não é outra coisa senão uma ação magnética quintessenciada.

"Como vos foi dito muitas vezes, não há lacunas na obra da Natureza, nem saltos bruscos, mas transições insensíveis que fazem com que passemos pouco a pouco de um para o outro estado, sem nos apercebermos da mudança, a não ser pela consciência de uma situação melhor. (...)

“De tudo isto concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a chave mestra da saúde moral e material da Humanidade futura.”¹⁰

O que é magnetismo animal

"Magnetismo animal – do gr. *magnes*, ímã. Assim chamado por analogia como o magnetismo mineral. Demonstrou a experiência que não existe tal analogia ou que é apenas aparente. Assim, a denominação não é exata. Como, porém, foi consagrada pelo emprego universal, e como, por outro lado, o epíteto que é adicionado não permite equívocos, haveria mais inconveniente do que utilidade em substituir a expressão. Algumas pessoas a substituem por *mesmerismo*. Mas até agora a tentativa não prevaleceu.

"O magnetismo animal pode assim ser definido: ação recíproca de dois seres vivos por meio de um agente especial chamado *fluido magnético*.”¹¹

Vamos nos deter por ora quanto a esse primeiro artigo, pois ele já nos dá elementos para sérias e proveitosas reflexões.

¹⁰ Revista Espírita, junho de 1867 - Dissertações espíritas - O Magnetismo e o Espiritismo comparados.

¹¹ Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas - Vocabulário Espírita - MAGNETISMO ANIMAL.

Magnetismo e Espiritismo

(Segundo artigo)

O magnetizador e o médium curador

“Regeneração da ciência pelo espiritualismo, ou perpetuidade da ignorância pelo materialismo.” (Dr. N.-M. Chauvet)¹²

Nós encerramos o primeiro artigo dessa série com a seguinte definição de magnetismo animal dada por Allan Kardec: "O magnetismo animal pode assim ser definido: ação recíproca de dois seres vivos por meio de um agente especial chamado *fluido magnético*."¹³

O magnetismo animal, ou humano, foi empregado com êxito pelos médicos magnetistas ou magnetizadores¹⁴ durante muito tempo, desde que o doutor Anton Franz Mesmer redescobriu, no século XVIII, os seus benefícios no tratamento das doenças.

Ao aplicar o magnetismo nos doentes, com objetivo de curar ou aliviar, descobriu-se naturalmente o sonambulismo magnético¹⁵, pois alguns pacientes entravam em emancipação devido aos fluidos derramados sobre eles. Descobriu-se então que, emancipados, certos pacientes tinham a visão do interior do próprio corpo e podiam assim, eles mesmos, indicar ao médico o tratamento para suas doenças, fenômeno que era chamado de *autoscopia*. Alguns sonâmbulos também podiam ver o interior do corpo de outras pessoas e contribuir assim com o tratamento delas, servindo como um instrumento auxiliar do médico.¹⁶

Além dessa possibilidade, vários outros fenômenos foram descobertos graças ao sonambulismo, como a visão à distância, a penetração do pensamento das pessoas próximas ao sonâmbulo, a insensibilização, etc. Foi também graças ao sonambulismo que se provou, pela observação dos fatos, que o Espírito é independente do corpo no qual está encarnado. Por aí se vê o quanto a ciência do magnetismo foi útil para a ciência espírita. Allan Kardec estudou o sonambulismo por mais de trinta e cinco anos.

¹² *Nouveaux principes de philosophie médicale* (Novos princípios de filosofia médica) pelo Dr. Napoléon Magloire Chauvet. Tours, 1866.

¹³ Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas - Vocabulário Espírita - MAGNETISMO ANIMAL.

¹⁴ Veja-se: Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas - Vocabulário Espírita - MAGNETISTA, MAGNETIZADOR.

¹⁵ Instruções Práticas sobre as Manifestações Espíritas - Vocabulário Espírita - SONO MAGNÉTICO.

¹⁶ Veja-se: Fisiologia, Medicina e Metafísica do Magnetismo animal. CHARPIGNON (Doutor).

Vale lembrar aqui algumas palavras do mestre:

"O magnetismo preparou o caminho do Espiritismo, e os rápidos progressos desta última doutrina são incontestavelmente devidos à vulgarização das ideias sobre a primeira. Dos fenômenos magnéticos, do sonambulismo e do êxtase às manifestações espíritas há apenas um passo. Sua conexão é tal que, por assim dizer, é impossível falar de um sem falar do outro. Se tivermos que ficar fora da ciência do magnetismo, nosso quadro ficará incompleto e poderemos ser comparados a um professor de Física que se abstivesse de falar da luz."¹⁷

Embora tenha ficado evidente a importância do Magnetismo, seja para melhor compreender os fenômenos espíritas, seja para promover curas, infelizmente esse valioso recurso, que é uma lei natural, ainda é desconhecido da maioria dos homens, ou envolto em preconceitos ou superstições, mesmo da parte daqueles que mais deveriam conhecê-lo.

Para que se possa compreender como o magnetismo pode ser um poderoso auxiliar na promoção da saúde, é preciso partir do ponto de vista sob o qual a ciência espírita encara o homem, que diverge essencialmente do ponto de vista do materialismo.

Vejamos o que ensina o Espiritismo:

O homem é um ser triplo: alma, perispírito e corpo

"Quando a alma está unida ao corpo, durante a vida, ela tem um duplo envoltório: um pesado, grosseiro e destrutível, que é o corpo; o outro fluídico, leve e indestrutível, chamado *perispírito*.

"Há, pois, no homem três elementos essenciais:

"1º A *alma* ou *Espírito*, princípio inteligente em que residem o pensamento, a vontade e o senso moral; 2º O *corpo*, envoltório material que põe o Espírito em relação com o mundo exterior; 3º O *perispírito*, envoltório fluídico, leve, imponderável, servindo de laço e de intermediário entre o Espírito e o corpo.

"Quando o envoltório exterior está gasto e não pode mais funcionar, tomba e o Espírito o abandona como o fruto se despoja da sua semente, a árvore da casca, a serpente da pele, em uma palavra, como se deixa um vestido velho que já não pode servir; é o que se designa pelo nome de *morte*." ¹⁸

¹⁷ Revista Espírita, março de 1858 - Magnetismo e Espiritismo.

¹⁸ O que é o Espiritismo? Cap. II - Noções elementares de Espiritismo - Dos Espíritos.

O perispírito

"O perispírito, ou corpo fluídico dos Espíritos, é um dos mais importantes produtos do fluido cósmico; é uma condensação desse fluido em torno de um foco de inteligência ou *alma*. Já vimos que também o corpo carnal tem seu princípio de origem nesse mesmo fluido condensado e transformado em matéria tangível. No perispírito, a transformação molecular se opera diferentemente, porquanto o fluido conserva a sua imponderabilidade e suas qualidades etéreas. O corpo perispíritico e o corpo carnal têm pois origem no mesmo elemento primitivo; ambos são matéria, ainda que em dois estados diferentes." ¹⁹

"O perispírito é uma das mais importantes engrenagens da economia; a ciência o observou nalguns de seus efeitos e alternativamente o tem designado sob os nomes de fluido vital, fluido ou influxo nervoso, fluido magnético, eletricidade animal, etc., sem se dar precisa conta de sua natureza e de suas propriedades, e, ainda menos, de sua origem. Como envoltório do Espírito após a morte, ele foi suspeitado desde a mais alta Antiguidade. Todas as teogonias atribuem aos seres do mundo invisível um corpo fluídico. São Paulo diz em termos precisos que nós renascemos com um *corpo espiritual* (1ª Epístola aos Coríntios, Cap. XV, versículos 35 a 44 e 50)." ²⁰

O perispírito é o órgão sensitivo do Espírito

"Esse segundo envoltório da alma, ou *perispírito*, existe, pois, durante a vida corpórea; é o intermediário de todas as sensações que o Espírito percebe e pelo qual transmite sua vontade ao exterior e atua sobre os órgãos do corpo. Para nos servirmos de uma comparação material, diremos que é o fio elétrico condutor, que serve para a recepção e a transmissão do pensamento; é, em suma, esse agente misterioso, imperceptível, conhecido pelo nome de fluido nervoso, que desempenha tão grande papel na economia orgânica e que ainda não se leva muito em conta nos fenômenos fisiológicos e patológicos.

"Tomando em consideração apenas o elemento material ponderável, a Medicina, na apreciação dos fatos, se priva de uma causa incessante de ação. Não cabe, aqui, porém, o exame desta questão. Somente faremos notar que no conhecimento do perispírito está a chave de inúmeros problemas até hoje insolúveis.

"O perispírito não constitui uma dessas hipóteses de que a ciência costuma valer-se, para a explicação de um fato. Sua existência não foi apenas revelada pelos Espíritos, resulta de observações, como teremos ocasião de demonstrar. Por ora e para não nos anteciparmos, no tocante aos fatos que havemos de relatar, limitar-nos-emos a dizer que,

¹⁹ A Gênese - Os milagres segundo o Espiritismo, cap. XIV - Os fluidos - I - Natureza e propriedades dos fluidos - Formação e propriedades do perispírito.

²⁰ Revista Espírita, março de 1866 - Introdução ao estudo dos fluidos espirituais.

quer durante a sua união com o corpo, quer depois de separar-se deste, a alma nunca está desligada do seu perispírito.”²¹

Para uma melhor compreensão a respeito das doenças, do ponto de vista da ciência espírita, reproduzimos aqui uma dissertação dada pelo Espírito do doutor Morel Lavalée, médico e cirurgião francês.²²

As três causas principais das doenças

(Paris, 25 de outubro de 1866 – Médiun, Sr. Desliens)

“O que é o homem?... Um composto de três princípios essenciais: o Espírito, o perispírito e o corpo. A ausência de qualquer um destes três princípios acarretaria necessariamente o aniquilamento do ser no estado humano. Se o corpo não mais existir, haverá o Espírito e não mais o homem; se o perispírito falta ou não pode funcionar, não podendo o imaterial agir diretamente sobre a matéria, encontrando-se assim impossibilitado de manifestar-se, poderá haver alguma coisa do gênero do cretino ou do idiota, mas não haverá jamais um ser inteligente. Enfim, se o Espírito faltar, ter-se-á um feto vivendo vida animal e não um Espírito encarnado. Se, pois, temos a presença de três princípios, esses três princípios devem reagir um sobre o outro, e seguir-se-á a saúde ou a doença, conforme haja entre eles harmonia perfeita ou desarmonia parcial.

"Se a doença ou desordem orgânica, como queiram chamar, procede do corpo, os medicamentos materiais sabiamente empregados bastarão para restabelecer a harmonia geral.

"Se a perturbação vem do perispírito, se é uma modificação do princípio fluídico que o compõe, que se acha alterado, será necessária uma medicação em relação com a natureza do órgão perturbado, para que as funções possam retomar seu estado normal. Se a doença procede do Espírito, não poderíamos empregar, para combatê-la, outra coisa senão uma medicação espiritual. Se, enfim, como é o caso mais geral, e podemos mesmo dizer o que se apresenta exclusivamente, se a doença procede do corpo, do perispírito e do Espírito, será preciso que a medicação combata ao mesmo tempo todas as causas da desordem por meios diversos, para se obter a cura.

"Ora, o que fazem geralmente os médicos? Eles cuidam do corpo e o curam; mas curam a doença? Não. Por quê? Porque sendo o perispírito um princípio superior à matéria propriamente dita, poderá tornar-se causa com relação a ela, e se ele for

²¹ O Livro dos Médiuns - Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. I - Da ação dos Espíritos sobre a matéria.

²² Victor-Auguste-François Morel-Lavallée, doutor em medicina e cirurgião francês. (Nasceu dia 24 de agosto de 1811, em Bion, faleceu dia 29 de abril de 1865, em Paris, sepultado no cemitério do Père-Lachaise.) O Dr. Morel deixou numerosas publicações relativas à área cirúrgica, particularmente no domínio traumatológico. Seu nome foi dado a uma patologia chamada de LML (Lesão de Morel-Lavallée.)

entrevado, os órgãos materiais que se acham em relação com ele serão igualmente atingidos na sua vitalidade. Cuidando do corpo, destruí o efeito; mas, residindo a causa no perispírito, a doença voltará novamente, quando cessarem os cuidados, até que se perceba que é preciso levar alhures a atenção, cuidando fluidicamente o princípio fluídico mórbido.

"Se, enfim, a doença procede do *mens*, do Espírito, o perispírito e o corpo, postos sob sua dependência, serão entrevados em suas funções, e não é cuidando de um nem cuidando do outro que se fará desaparecer a causa.

"Não é, pois, vestindo a camisa de força num louco, ou lhe dando pílulas ou duchas, que se conseguirá fazê-lo voltar ao seu estado normal; apenas se logrará acalmar seus sentidos revoltados, seus acessos, mas não se destruirá o germe senão combatendo-o por seus semelhantes, fazendo homeopatia espiritual e fluidicamente, como se faz materialmente, dando ao doente, pela prece, uma dose infinitesimal de paciência, de calma, de resignação, conforme o caso, como se lhe dá uma dose infinitesimal de brucina, de digitalis ou de acônito.

"Para destruir uma causa mórbida, é preciso combatê-la em seu terreno."²³

Doutor MOREL LAVALLÉE

Vê-se aí como o Espiritismo contribuiu sobremaneira para o entendimento e o aprofundamento das questões relativas às doenças, bem como aportou um novo meio de cura dando a conhecer a mediunidade curadora, ou a cura promovida exclusivamente pelo magnetismo espiritual, ou seja, só pela ação dos bons Espíritos.²⁴

"Dando a conhecer a magnetização espiritual, que não se conhecia, o Espiritismo abre ao magnetismo uma nova via, e lhe traz um novo e poderoso elemento de cura." Allan Kardec²⁵

Da magnetização ordinária e do médium curador

"Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, uma diferença capital, porque o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos." Allan Kardec

²³ Revista Espírita, fevereiro de 1867 - Dissertações espíritas - As três causas principais das doenças.

²⁴ Exemplos: Revista Espírita, abril de 1865 - Poder curativo do magnetismo espiritual; Revista Espírita, setembro de 1865 - Cura de uma fratura.

²⁵ Revista Espírita, agosto de 1865 - O que ensina o Espiritismo.

"*Médiuns curadores*: os que têm o poder de curar ou de aliviar o doente, pela só imposição das mãos, ou pela prece.

"Esta faculdade não é essencialmente mediúnica; possuem-na todos os verdadeiros crentes, sejam médiuns ou não. As mais das vezes, é apenas uma exaltação do poder magnético, fortalecido, se necessário, pelo concurso de bons Espíritos." (N. 175.)" ²⁶

(...) Este gênero de mediunidade [médium curador] consiste, principalmente, no dom que possuem certas pessoas de curar pelo simples toque, pelo olhar, mesmo por um gesto, sem o concurso de qualquer medicação. Dir-se-á, sem dúvida, que isso mais não é do que magnetismo. Evidentemente, o fluido magnético desempenha aí importante papel; porém, quem examina cuidadosamente o fenômeno sem dificuldade reconhece que há mais alguma coisa. A magnetização ordinária é um verdadeiro tratamento seguido, regular e metódico; no caso que apreciamos, as coisas se passam de modo inteiramente diverso. Todos os magnetizadores são mais ou menos aptos a curar, desde que saibam conduzir-se convenientemente, ao passo que nos médiuns curadores a faculdade é espontânea e alguns até a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. A intervenção de uma potência oculta, que é o que constitui a mediunidade, se faz manifesta, em certas circunstâncias, sobretudo se considerarmos que a maioria das pessoas que podem, com razão, ser qualificadas de médiuns curadores recorre à prece, que é uma verdadeira evocação. (Veja-se atrás o n. 131.)" ²⁷

"Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e sabe-se que esse fluido, que não é senão o perispírito, participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, por isso sua ação curativa é lenta, por vezes nula, outras vezes até nociva, porque ele pode transmitir ao doente princípios mórbidos.

"Embora um fluido seja suficientemente abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, absolutamente não se segue que ele tenha as necessárias qualidades para curar; é a força que derruba, mas não o bálsamo que suaviza e restaura. O mesmo se dá com Espíritos desencarnados de ordem inferior, cujo fluido pode até mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas têm a cada instante ocasião de constatar.

"*Somente* nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; sua ação, por conseguinte, deve ser mais salutar e mais pronta: é o fluido benfazejo por excelência. Como ele não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, então é

²⁶ O Livro dos Médiuns, cap. XVI - Dos médiuns especiais - Quadro sinóptico das diferentes espécies de médiuns, item 189.

²⁷ O Livro dos Médiuns, cap. XIV - Dos médiuns - Médiuns curadores, item 175. Veja-se também: o item 176.

preciso pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em terras distantes os remédios que se não encontram na própria.

"O médium curador emite pouco de seu próprio fluido. Ele sente a corrente do fluido estranho que o penetra e ao qual serve de *condutor*. É com esse fluido que ele magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro, dos Espíritos. Como se vê, nada tem aí de maravilhoso, mas um fenômeno conseqüente de uma lei da Natureza que não era conhecida.

"Para curar pela terapêutica ordinária não bastam os primeiros medicamentos que surgem. São necessários medicamentos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais salutareos; uma vez que esses fluidos benfazejos são próprios dos Espíritos superiores, é, pois, o concurso deles que é preciso obter; é por isso que a prece e a invocação são necessárias. No entanto, para orar, e sobretudo para orar com fervor, é preciso a fé; para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um sentimento real de *benevolência e de caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem desinteresse. Sem estas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, fica reduzido às suas próprias forças, quase sempre insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Todavia, não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro. Assim acontece com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados; daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalhar por seu melhoramento moral.

"Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, uma diferença capital, porque o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos. Daí se segue que os Espíritos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, conseqüentemente, retirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caridoso para dela fazer um comércio. Quando Jesus disse a seus apóstolos: "Ide! Expulsai os demônios, curai os doentes," ele acrescenta: "Dai gratuitamente o que haveis recebido gratuitamente." ²⁸

Mais adiante trataremos de outros benefícios que podem ser obtidos com o auxílio do Magnetismo e do Espiritismo.

²⁸ Revista Espírita, janeiro de 1864 - Médiuns curadores.

Magnetismo e Espiritismo

(Terceiro artigo)

Intervenção dos parentes nas curas

No primeiro artigo desta série buscamos tornar evidente que, segundo Allan Kardec, há uma união estreita entre o Magnetismo e o Espiritismo que são, a bem dizer, duas ciências irmãs e se completam uma pela outra.

No segundo, fizemos um breve compilado com o objetivo de esclarecer o leitor a respeito do papel do magnetizador ordinário e o do médium curador.

Dando sequência, vamos reproduzir abaixo um artigo publicado por Allan Kardec na sua *Revista Espírita*, que mostra na prática os benefícios dessas duas ciências, quando aplicadas, inclusive pelos próprios familiares do enfermo, à cura de doenças e de obsessões.

Veremos aí, no relato do Sr. Dombre, espírita fervoroso e excelente magnetizador, o que se pode fazer com a assistência dos bons Espíritos, pelo Espiritismo prático, e o auxílio do magnetismo aplicado. Eis o relato:

“Marmande, 12 de maio de 1867.

“Caro senhor Kardec,

“Há algum tempo vos entretive com o resultado de nossos trabalhos espíritas que continuamos com perseverança, e sinto-me feliz em dizê-lo, com sucessos satisfatórios. Os obsedados e os doentes são sempre objeto de nossos cuidados exclusivos. A moralização e os fluidos são os principais meios indicados por nossos guias.

“Nossos bons Espíritos, que se votaram à propagação do Espiritismo, tomaram também a tarefa de vulgarizar o magnetismo. Em quase todas as consultas, para os diversos casos de moléstias, eles pedem o concurso dos parentes: um pai, uma mãe, um irmão ou uma irmã, um vizinho, um amigo, são chamados para dar *passes*. Essas bravas criaturas ficam surpresas de parar crises, acalmar dores. Parece-me que este meio é engenhoso e seguro para fazer adeptos; assim a confiança se estende cada vez mais em nossa região.

“Os grupos que se ocupam de curas talvez fizessem bem em dar os mesmos conselhos; os felizes resultados obtidos provariam de maneira evidente a verdade do magnetismo, e dariam a certeza de que a faculdade de curar ou aliviar o seu semelhante não é privilégio exclusivo de algumas pessoas; que para isto não é preciso senão boa vontade e confiança em Deus. Não falo de uma boa saúde, que é condição indispensável, compreende-se. Reconhecendo que temos tal poder em nós, adquirimos a certeza de que não há truques nem sortilégios, nem pacto com o diabo. É, pois, um meio de destruir as ideias supersticiosas.

“Eis alguns exemplos de curas obtidas:

“Uma menina de 6 a 7 anos estava acamada, com uma dor de cabeça contínua, febre, tosse frequente com expectoração e dor viva do lado esquerdo; dor também nos olhos, que de vez em quando se cobriam de uma substância leitosa, formando uma espécie de belida. Sob os cabelos, a pele do crânio estava coberta de películas brancas; urina espessa e turva. Deprimida e abatida, a menina não comia nem dormia. O médico tinha acabado por suspender as visitas que fazia a ela. A mãe, *pobre*, em presença da criança doente e abandonada, veio me procurar. Consultados, nossos guias prescreveram como único remédio a imposição das mãos, os passes fluídicos por parte da mãe, recomendando-me que fosse, durante alguns dias, fazer-lhe ver como deveria se conduzir. Comecei por mandar suspender os vesicatórios e secá-los. Depois de três dias de passes e de imposição das mãos sobre a cabeça, sobre os rins e o peito, executados *a título de lições*, mas feitos com alma, a criança pediu para se levantar; a febre tinha passado e todos os acidentes descritos acima desapareceram ao cabo de dez dias.

“Esta cura, que a mãe qualificava de miraculosa, fez que me chamassem, dois dias depois, junto a uma outra menina de 3 a 4 anos, que tinha febre. Depois dos passes e da imposição de mãos, a febre cessou, desde o primeiro dia.

“As curas de algumas obsessões não nos dão menos satisfação e confiança. Maria B..., jovem de 21 anos, de Samazan, perto de Marmande, punha-se nua como um bicho, corria pelos campos e ia deitar-se ao lado do cachorro num buraco de palheiro. A moralização do obsessivo, de nossa parte, e os passes fluídicos feitos pelo marido, conforme as nossas instruções, em breve a libertaram. Toda a comuna de Samazan foi testemunha da insuficiência da medicina para curá-la, e da eficácia do meio simples empregado para reconduzi-la ao estado normal.

“A Sra. D., de 22 anos, da comuna de Sainte-Marthe, não longe de Marmande, caía em crises extraordinárias e violentas; rugia, mordia, rolava, sentia golpes terríveis no estômago, desfalecia e às vezes ficava quatro ou cinco horas inconsciente; uma vez passou oito horas sem recobrar a lucidez. Em vão o Dr. T... lhe havia prestado cuidados. O marido, depois de ter recorrido a especialistas na arte de curar, a sacerdotes da região reputados como curadores e exorcistas, aos adivinhos, pois confessou havê-los consultado, dirigiu-se a nós, pedindo que nos ocupássemos de sua mulher se, como lhe haviam contado, estivesse ao nosso alcance o poder de curá-la. Prometemos escrever-lhe, para indicar o que ele deveria fazer.

“Consultados, nossos guias disseram: Cessem qualquer tratamento médico, pois os remédios seriam inúteis; que o marido eleve sua alma a Deus, imponha as mãos sobre a fronte da esposa e lhe faça passes fluídicos com amor e confiança; que observe pontualmente as recomendações que lhe vamos fazer, seja qual for a contrariedade que ele possa experimentar (seguem as recomendações, todas pessoais), e se ele se compenetrar da ideia de que elas são necessárias e em proveito de sua pobre aflita, em breve terá sua recompensa.

“Também nos disseram que chamássemos e moralizássemos o Espírito obsessivo, sob o nome de *Lucie Cédar*. Esse Espírito revelou a causa que o levava a atormentar a

Sra. D... Essa causa se ligava precisamente às recomendações feitas ao marido. Tendo-se conformado a tudo, ele teve a satisfação de ver sua mulher completamente livre no espaço de dez dias. Ele me disse: Levando em conta que os Espíritos se comunicam, não me admiro que vos tenham dito o que só era conhecido por mim, mas estou muito mais admirado pelo fato de nenhum remédio ter podido curar minha mulher. Se eu me tivesse dirigido a vós desde o começo, teria 150 francos no bolso, que aí já não estão, pois gastei em medicamentos.

“Aperto a vossa mão muito cordialmente.

“DOMBRE.”

"Estes casos de cura nada têm de mais extraordinários do que aqueles que temos citado, provindos do mesmo centro, mas eles provam, pela persistência do sucesso há vários anos, quanto se pode obter pela perseverança e pela dedicação, pois assim a assistência dos bons Espíritos jamais falta. Eles só abandonam os que deixam o bom caminho, o que é fácil de reconhecer pelo declínio do sucesso, ao passo que sustentam, até o último momento, mesmo contra os ataques da malevolência, aqueles cujo zelo, sinceridade, abnegação e humanidade estão à prova das vicissitudes da vida. Eles elevam aquele que se humilha e humilham o que se eleva. Isto se aplica a todos os gêneros de mediunidade.

"Nada desencorajou o Sr. Dombre. Ele lutou energicamente contra todos os entraves que lhe foram suscitados e deles triunfou; desprezou as injúrias e as ameaças dos nossos adversários comuns e os forçou ao silêncio por sua firmeza; não poupou seu tempo nem seu esforço ou sacrifícios materiais; jamais procurou prevalecer-se do que faz para adquirir relevo ou criar um degrau qualquer; seu desinteresse moral iguala o seu desinteresse material; se fica feliz por triunfar, é porque cada sucesso o é para a doutrina. Eis os títulos sérios ao reconhecimento de todos os espíritas atuais e futuros, títulos aos quais há que associar os membros do grupo que o secundam com tanto zelo e abnegação, e cujos nomes lamentamos não podermos citar.

"O fato mais característico assinalado na carta é o da interferência dos parentes e amigos dos doentes nas curas. É uma ideia nova, cuja importância não escapará a ninguém, porque sua propagação não pode deixar de ter resultados consideráveis: é a vulgarização anunciada da mediunidade curadora. Os espíritas notarão quanto os Espíritos são engenhosos nos meios tão variados que empregam para fazer penetrar a ideia nas massas. Como não o fariam, se lhes abrimos incessantemente novos canais, e lhes damos os meios de bater em todas as portas?

"Portanto, nunca seria demais encorajar essa prática; todavia, não se deve perder de vista que os resultados se darão em razão da boa direção dada à coisa pelos diretores

dos grupos curadores e pelo impulso que souberem imprimir por sua energia, seu devotamento e seu próprio exemplo.” Allan Kardec ²⁹

Algumas palavras sobre o magnetismo nas curas

“Sendo, pois, a mediunidade curadora pura uma exceção aqui na Terra, disso resulta que há quase sempre ação simultânea do fluido espiritual e do fluido humano; quer dizer que os médiuns curadores são todos mais ou menos magnetizadores, razão pela qual agem conforme os processos magnéticos. A diferença está na predominância de um ou do outro fluido e na cura mais ou menos rápida. Todo magnetizador pode tornar-se médium curador, se *souber* fazer-se assistir por bons Espíritos. Neste caso os Espíritos vêm em seu auxílio, derramando sobre ele seu próprio fluido, que pode decuplicar ou centuplicar a ação do fluido puramente humano.

"Os Espíritos vêm aos que eles querem; nenhuma vontade pode constrangê-los; eles se rendem à prece, se for fervorosa, sincera, mas nunca à injunção. Disto resulta que a vontade não pode dar a mediunidade curadora e que ninguém pode ser médium curador com desígnio premeditado. Reconhece-se o médium curador pelos resultados que obtém e não por *sua pretensão de o ser*.

"Mas se a vontade for ineficaz quanto ao concurso dos Espíritos, é onipotente para imprimir ao fluido, espiritual ou humano, uma boa direção e uma energia maior. No homem apático e *distraído*, a corrente é débil e a emissão é fraca; o fluido espiritual pára nele, mas sem proveito para ele; no homem de vontade enérgica, a corrente produz o *efeito de uma ducha*. Não se deve confundir vontade enérgica com teimosia, porque a teimosia é sempre resultado do orgulho ou do egoísmo, ao passo que o mais humilde pode ter a *vontade do devotamento*.

"A vontade é ainda onipotente para dar aos fluidos as qualidades especiais apropriadas à qualidade do mal. Este ponto, que é capital, se liga a um princípio ainda pouco conhecido, mas que está em estudo, o das criações fluídicas e das modificações que o pensamento pode produzir na matéria. O pensamento, que provoca uma emissão fluídica, pode operar certas transformações moleculares e atômicas, como vemos se produzirem sob a influência da eletricidade, da luz ou do calor.” ³⁰

²⁹ Revista Espírita, junho de 1867 - Grupo curador de Marmande - Intervenção dos parentes nas curas.

³⁰ Revista Espírita, setembro de 1865 - Da mediunidade curadora.

Magnetismo e Espiritismo

(Quarto artigo)

O Príncipe de Hohenlohe, médium curador

No terceiro artigo da série sobre o Magnetismo e o Espiritismo como ciências irmãs, reproduzimos um relato feito pelo Sr. Dombre, publicado por Allan Kardec na sua *Revue*, a respeito da intervenção dos parentes nas curas. Vamos reproduzir aqui mais um artigo que trata da cura de doenças, tema tão importante quanto necessário em nossa sociedade, pois notamos que a mediunidade curadora é ainda bem pouco conhecida e, ainda menos, aplicada.

"A mediunidade curadora está na ordem do dia, e tudo quanto se liga a esta questão oferece um interesse de atualidade. Transcrevemos da *Vérité* de Lyon, de 21 de outubro de 1866, o artigo seguinte sobre as curas do Príncipe Hohenlohe, que nessa oportunidade fizeram grande sensação. Esta notícia faz parte de uma série de artigos muito instrutivos sobre médiuns curadores. (...)"

"O Espiritismo moderno não descobriu nem inventou a mediunidade curadora e os médiuns curadores, como também não descobriu nem inventou outros fenômenos espíritas. Considerando-se que a mediunidade curadora é uma faculdade natural subordinada a uma lei, como todos os fenômenos da Natureza, ela deve ter-se produzido em diversas épocas, como o constata a História, mas estava reservado ao nosso tempo, com o auxílio das novas luzes que possuímos, dar-lhe uma explicação racional e fazê-la sair do domínio do maravilhoso. O príncipe de Hohenlohe nos oferece um exemplo tanto mais notável por tratar-se de fatos que se passaram antes que se cogitasse do Espiritismo e dos médiuns. Eis o resumo dado pelo jornal *la Vérité*:

"No ano de 1829 veio a Wurtzbourg, cidade considerável da Baviera, um santo sacerdote, o príncipe de Hohenlohe. Enfermos e doentes iam pedir-lhe para obter do céu a sua cura, o socorro de suas preces. Ele invocava sobre aqueles as graças divinas, e em breve se viu um grande número desses infortunados, curados de repente. O rumor dessas maravilhas repercutiu longe. A Alemanha, a França, a Suíça, a Itália, uma grande parte da Europa tiveram notícia. Numerosos escritos foram publicados, que perpetuarão sua lembrança. Entre os testemunhos autênticos e dignos de fé, que certificam a realidade dos fatos, basta aqui transcrever alguns cujo conjunto constitui uma prova convincente.

"Para começar, eis um resumo do que a respeito escreveu o Sr. Scharold, conselheiro de legação em Wurtzbourg e testemunha de grande parte das coisas que relata.

"Há dois anos, uma princesa de dezessete anos, Mathilde de Schwartzemberg, filha do príncipe deste nome, se achava na casa de saúde do Sr. Haine, em Wurtzbourg.

Era-lhe absolutamente impossível andar. Em vão os médicos mais famosos da França, da Itália e da Áustria tinham esgotado todos os recursos de sua arte para curar a princesa dessa enfermidade. Somente o Sr. Haine, que obteve ajuda das luzes e da experiência do célebre médico Sr. Textor, tinha conseguido, à força de cuidados prodigalizados à doente, pô-la em condições de manter-se de pé; e ela, fazendo esforços, tinha conseguido executar alguns movimentos como para andar, mas sem andar realmente. Pois bem! A 20 de junho de 1821 ela deixou o leito de repente, e andou muito livremente.

“Eis como a coisa se passou. De manhã, pelas dez horas, o príncipe de Hohenlohe foi visitar a princesa, que mora na casa do Sr. Reinach, deão do capítulo. Quando entrou em seu apartamento perguntou-lhe, como em conversa, em presença de sua governanta, se tinha fé firme que Jesus Cristo poderia curá-la de sua doença. À sua resposta de que estava intimamente persuadida, o príncipe disse à piedosa doente que orasse do fundo do coração e pusesse sua confiança em Deus.

“Quando ela parou de orar, o príncipe lhe deu sua bênção e disse: ‘Vamos, princesa, levantai-vos; agora estais curada e podeis andar sem dores...’ Todas as pessoas da casa foram chamadas imediatamente. Não sabiam como exprimir seu espanto por uma cura tão pronta e tão incompreensível. Todos caíram de joelhos na mais viva emoção e cantaram louvores ao Todo-Poderoso. Felicitaram a princesa por sua felicidade e juntaram suas lágrimas às que a alegria fazia correr de seus olhos.

“Esta notícia, espalhando-se pela cidade, provocou admiração. Corriam em multidão para se assegurarem do acontecimento pelos próprios olhos. A 21 de junho, a princesa já se havia mostrado em público. Impossível descrever o deslumbramento que ela experimentou, vendo-se fora do leito de cruéis sofrimentos.

“A 25, o príncipe de Hohenlohe deu outro exemplo notável da graça que possui. A esposa de um ferreiro da rua Semmels não podia mais ouvir nem mesmo as batidas da marreta de sua forja. Ela foi encontrar o príncipe no pátio do presbitério Hung e pediu-lhe socorro. Enquanto estava de joelhos, ele lhe impôs as mãos sobre a cabeça, e tendo orado algum tempo, com os olhos erguidos para o céu, tomou-a pela mão e a ergueu. Qual não foi o espanto dos espectadores quando essa mulher, levantando-se, disse que ouvia soar o relógio da igreja! Voltando para casa, não deixava de contar a todos que a interrogavam o que acabara de acontecer.

“A 26, uma pessoa ilustre (o príncipe real da Baviera), foi curado imediatamente de uma moléstia que, segundo as regras da medicina, exigia muito tempo e daria muito sofrimento. Esta notícia causou viva alegria nos corações dos habitantes de Wurtzbourg.

“O príncipe de Hohenlohe também teve êxito na cura de uma doente que duas vezes tinha tentado curar, mas que, a cada vez, apenas tinha obtido um ligeiro alívio. Esta cura foi operada na cunhada do Sr. Broili, negociante. Há muito tempo ela era afligida por uma paralisia muito dolorosa. A casa vibrou com os gritos de alegria.

“No mesmo dia foi devolvida a visão à viúva Balzano, que há muitos anos estava completamente cega. Convenci-me por mim mesmo deste fato.

“Logo depois de ter saído do espetáculo desta cena tocante, fui testemunha de uma outra cura, operada na casa do Sr. General D... Uma jovem senhora tinha a mão

direita de tal modo estropiada, que não podia usá-la nem estendê-la. Ela imediatamente deu prova de sua perfeita cura, levantando com aquela mão uma cadeira muito pesada.

“No mesmo dia, um parálítico cujo braço esquerdo estava completamente anquilosado foi curado completamente. Uma cura de dois outros parálíticos se fez logo depois. Ela também foi completa e ainda mais rápida.

“A 28, eu mesmo vi com que prontidão e solidez o príncipe Hohenlohe curou crianças. Tinham-lhe trazido um menino do campo, que só andava com muletas. Poucos minutos depois esse menino, transbordando de alegria, corria pela rua sem as muletas. Nesse meio tempo um menino mudo, que apenas soltava alguns sons inarticulados, foi trazido ao príncipe. Alguns minutos depois começou a falar. Pouco depois uma pobre mulher trouxe sua filhinha às costas, com ambas as pernas estropiadas. Colocou-a aos pés do príncipe. Um momento depois ele entregou a menina à sua mãe, que então viu a filha correr e pular de alegria.

“A 29, uma mulher de Neustadt, parálítica e cega, lhe foi trazida numa charrete. Estava cega há vinte e cinco anos. Pelas três horas da tarde apresentou-se no castelo de nossa cidade, para implorar o socorro do príncipe de Hohenlohe, no momento em que ele entrava no vestíbulo, que tem a forma de grande tenda. Caindo aos pés do príncipe, ela suplicava, em nome de Jesus Cristo, que lhe prestasse socorro. O príncipe orou por ela, deu-lhe sua bênção e lhe perguntou se acreditava firmemente que em nome de Jesus ela poderia recuperar a vista. Como respondeu que sim, mandou que se erguesse. Ela se retirou. Mas, logo que se afastou alguns passos, de repente seus olhos se abriram. Ela viu, e deu todas as provas que lhe pediram da faculdade que acabara de recuperar. Todas as testemunhas desta cura, entre as quais grande número de senhores da corte, ficaram deslumbrados de admiração.

“A cura de uma mulher do hospital civil, que haviam trazido ao príncipe, não é menos admirável. Essa mulher, chamada Elisabeth Laner, filha de um sapateiro, tinha a língua tão vivamente afetada que por vezes passava quinze dias sem poder articular uma sílaba. Suas faculdades mentais tinham sofrido muito. Quase tinha perdido o uso dos membros, de sorte que ficava no leito como uma massa. Pois bem! Essa pobre mulher foi hoje ao hospital sem ajuda de ninguém. Ela goza de todos os sentidos, como há doze anos, e sua língua soltou-se tão bem que ninguém no hospício fala com tanta volubilidade quanto ela.

“No dia 30, depois do meio-dia, o príncipe deu um exemplo extraordinário de cura. Uma charrete, em volta da qual estavam reunidos milhares de espectadores, tinha vindo de Musmerstadt. Nela estava um pobre estudante aleijado dos braços e das pernas, atrofiados de maneira horrível.

“O príncipe, que ouviu a súplica desse infeliz para aliviá-lo, veio até a charrete. Orou cerca de cinco minutos com as mãos postas e erguidas para o céu, falou várias vezes ao estudante e enfim lhe disse: ‘Levantai-vos, em nome de Jesus Cristo.’ O estudante efetivamente levantou-se, mas com sofrimentos que não pôde disfarçar. O príncipe lhe disse que não perdesse a confiança. O infeliz, que alguns minutos antes não podia mover braços nem pernas, pôs-se de pé e perfeitamente livre em cima da charrete. Depois, erguendo os olhos para o céu, com a mais terna expressão de

reconhecimento, exclamou: 'O Deus! Vós me socorrestes!' Os espectadores não puderam conter as lágrimas.

“As curas miraculosas operadas em Wurtzbourg pelo príncipe de Hohenlohe poderiam fornecer assunto para mais de cem quadros de ex-voto.”

Notar-se-á a analogia impressionante que existe entre estes fatos de curas e aqueles de que somos testemunhas. O Sr. de Hohenlohe se achava nas melhores condições para o desenvolvimento de sua faculdade, e também a conservou até o fim. Como nessa época não se lhe conhecia a verdadeira origem, era considerada como um dom sobrenatural, e o Sr. de Hohenlohe como operando milagres. Mas por que ela é vista por centenas de pessoas, para umas como um dom do céu e para outras como obra satânica? Não conhecemos nenhum médium curador que tenha dito que recebeu seu poder do diabo; todos, sem exceção, só operam invocando o nome de Deus, e declaram nada poder fazer sem a sua vontade. Mesmo aqueles que ignoram o Espiritismo e agem por intuição recomendam a prece, na qual reconhecem um poderoso auxiliar. Se agissem pelo demônio, seriam ingratos por negá-lo, e o demônio não é bastante modesto, nem bastante desinteressado para deixar o mérito do bem àquele que ele procura combater, porquanto isto seria perder seus auxiliares em vez de recrutá-los. Alguém já viu um negociante gabar aos seus clientes a mercadoria do seu vizinho em detrimento da sua e os aconselhar a ir a ele? Na verdade, há razão para rir do diabo, porque dele se faz um ser muito tolo e estúpido.

A comunicação seguinte foi dada pelo príncipe de Hohenlohe na Sociedade de Paris.

(Sociedade de Paris, 26 de outubro de 1866, méd. Sr. Desliens.)

"Senhores, venho entre vós com imenso prazer, pois minhas palavras podem tornar-se para todos um útil assunto de instrução.

Fraço instrumento da Providência, pude contribuir para fazer glorificar o seu nome e venho de bom grado entre aqueles que têm por objetivo principal conduzir-se segundo as Suas leis, e avançar tanto quanto lhes for possível no caminho da perfeição. Vossos esforços são louváveis e eu me considerarei como muito honrado em assistir a alguns de vossos trabalhos. Vamos, então, desde já, às manifestações que provocaram a minha presença entre vós.

Como dissestes, e com razão, a faculdade de que eu era dotado era simplesmente o resultado de uma mediunidade. Eu era instrumento; os Espíritos agiam e, se pude alguma coisa, certamente foi apenas por meu grande desejo de fazer o bem e pela convicção íntima de que a Deus tudo é possível. Eu cria! ... e as curas que obtinha vinham incessantemente aumentar a minha fé.

Como todas as faculdades medianímicas que hoje concorrem para a vulgarização do ensino espírita, a mediunidade curadora foi exercida em todos os tempos e por indivíduos pertencentes às diversas religiões. – Deus semeia por toda parte os seus

servidores mais adiantados para fazer deles balizas de progresso, entre aqueles mesmos que estão mais afastados da virtude e, direi mesmo, sobretudo entre eles... Como um bom pai que ama igualmente a todos os seus filhos, sua solicitude se espalha sobre todos, mas mais particularmente sobre os que mais necessitam de apoio para avançar. – Assim, não é raro encontrar homens dotados de faculdades extraordinárias para a multidão, entre os simples; e, por esta palavra, eu entendo aqueles cuja pureza de sentimentos não foi manchada pelo orgulho e pelo egoísmo. É verdade que a faculdade pode igualmente existir em pessoas indignas, mas *ela não é, nem poderia ser, senão passageira*. É um meio enérgico de lhes abrir os olhos: tanto pior para eles se teimam em conservá-los fechados.

Eles reentrarão na obscuridade de onde saíram, com a confusão e o ridículo por cortejo, se mesmo Deus não punir, desde esta vida, seu orgulho e sua obstinação em desconhecer a sua voz.

Seja qual for a crença íntima de um indivíduo, se suas intenções forem puras e se ele estiver inteiramente convencido da realidade daquilo em que crê, ele pode, em nome de Deus, operar grandes coisas. A fé transporta montanhas: ela dá a visão aos cegos e o entendimento espiritual àqueles que antes erravam nas trevas da rotina e do erro.

Quanto à melhor maneira de exercer a faculdade de médium curador, há apenas uma: *É manter-se modesto e puro*, e reportar a Deus e às potências que dirigem a faculdade tudo o que se realiza.

O que perde os instrumentos da Providência, é que eles não se acreditam simplesmente instrumentos; eles querem que seus méritos sejam em parte causa da escolha que foi feita de sua pessoa; o orgulho os embriaga e o precipício se escancara sob seus passos.

Educado na religião católica, penetrado da santidade de suas máximas, tendo fé em seu ensino, como todos meus contemporâneos, eu considerava como milagres as manifestações de que era objeto. Hoje sei que é coisa inteiramente natural, e que pode, que deve estar de acordo com a imutabilidade das leis do Criador para que sua grandeza e sua justiça permaneçam intactas.

Deus não poderia fazer milagres!... porque então seria dar a presumir que a verdade não é bastante forte para afirmar-se por si mesma, e, por outro lado, não seria lógico demonstrar a eterna harmonia das leis da Natureza, perturbando-as com fatos em desacordo com sua essência.

Quanto a adquirir a faculdade de médium curador, não há método para isso; todo mundo pode, em certa medida, adquirir essa faculdade, e, agindo em nome de Deus, cada um fará curas. Os privilegiados aumentarão em número à medida que a doutrina se vulgarizar, e, é muito simples, porque haverá mais indivíduos animados de sentimentos puros e desinteressados.

PRÍNCIPE DE HOHENLOHE."³¹

³¹ Revista Espírita, dezembro de 1866 - O Príncipe de Hohenlohe, médium curador.

Magnetismo e Espiritismo

(Quinto artigo)

Dando continuidade a esta série, reproduzimos abaixo um artigo publicado por Allan Kardec em sua Revista.

Poder curativo do magnetismo espiritual

Espírito do Doutor Demeure

Em nosso artigo do mês passado sobre o Dr. Demeure, prestamos uma justa homenagem às suas eminentes qualidades como homem e como Espírito. O fato seguinte é uma nova prova de sua benevolência, ao mesmo tempo que constata o poder curativo da magnetização espiritual.

Escrevem-nos de Montauban:

O Espírito do bom pai Demeure, vindo engrossar o número de nossos amigos invisíveis que cuidam de nossa moral e do nosso físico, quis manifestar-se desde os primeiros dias por um benefício. A notícia de sua morte ainda não era conhecida dos nossos irmãos de Montauban, quando ele empreendeu espontânea e diretamente a cura de um deles por meio do magnetismo espiritual, apenas pela ação fluídica. Vedes que ele não perdia tempo e continuava como Espírito, assim como dizeis, sua obra de alívio da Humanidade sofredora. Entretanto, há aqui uma importante distinção a fazer. Certos Espíritos continuam vinculados às suas ocupações terrenas, sem consciência de seu estado, julgando-se ainda vivos. Isso é próprio dos Espíritos pouco adiantados, ao passo que o Sr. Demeure se reconheceu imediatamente e age voluntariamente como Espírito, com a consciência de ter maior força nesse estado.

Tínhamos ocultado a morte do Sr. Demeure à Sra. G..., médium vidente e sonâmbula muito lúcida, para poupar sua extrema sensibilidade, e o bom doutor, sem dúvida percebendo nosso ponto de vista, tinha evitado manifestar-se a ela. A 10 de fevereiro último, estávamos reunidos a convite de nossos guias que, diziam eles, queriam aliviar a Sra. G... de um entorse de que ela sofria cruelmente desde a véspera. Não sabíamos mais que isto, e estávamos longe de esperar a surpresa que nos preparavam. Imediatamente depois de ter entrado em estado sonambúlico, a dama soltou gritos lancinantes, mostrando o seu pé. Eis o que se passava:

A Sra. G... via um Espírito curvado sobre sua perna, mas as suas feições ficavam ocultas. Ele operava fricções e massagens, fazendo de vez em quando uma tração longitudinal sobre a parte doente, absolutamente como teria feito um médico. A operação era tão dolorosa que a paciente por vezes vociferava e fazia movimentos desordenados. Mas a crise não teve longa duração. Ao cabo de dez minutos todos os traços de entorse

havam desaparecido. Não havia mais inflamação, e o pé tinha retomado sua aparência normal. A Sra. G... estava curada.

Quando se pensa que para curar completamente uma afecção desse gênero, os mais bem dotados magnetizadores e os mais exercitados, sem falar da medicina oficial que ainda não chegou a uma conclusão sobre tais casos, precisam de um tratamento cuja duração nunca é de menos de trinta e seis horas, para isso consagrando três sessões diárias de uma hora, esta cura em dez minutos, pelo fluido espiritual, pode bem ser considerada como instantânea, com tanto mais razão, como diz o próprio Espírito numa comunicação que se encontra a seguir, que era de sua parte uma primeira experiência, feita visando uma aplicação posterior, em caso de êxito.

Entretanto, o Espírito continuava desconhecido da médium e persistia em não mostrar suas feições. Ele dava mesmo a impressão de querer fugir, quando, de um pulo, nossa doente, que minutos antes não podia dar um passo, se lança no meio da sala para apertar a mão do seu médico espiritual. Ainda essa vez, o Espírito havia desviado a face, deixando apenas sua mão na dela. Nesse momento a Sra. G... solta um grito e cai no chão extenuada. Ela acabara de reconhecer o Sr. Demeure no Espírito curador. Durante a síncope, ela recebeu os cuidados dedicados de vários Espíritos simpáticos. Enfim, readquirida a lucidez sonambúlica, ela conversou com os Espíritos, trocando fortes apertos de mão, principalmente com o Espírito do doutor, que respondia a seus testemunhos de afeição, penetrando-a de um fluido reparador.

Não é uma cena empolgante e dramática, na qual parecia serem vistas todas as personagens representando seu papel na vida humana? Não é uma prova entre mil que os Espíritos são seres perfeitamente reais, tendo um corpo e agindo como faziam na Terra? Estávamos felizes por encontrar o nosso amigo espiritualizado, com seu excelente coração e sua delicada solicitude. Em vida ele tinha sido médico da médium; conhecia sua extrema sensibilidade e a tinha conduzido como se fosse sua filha. Esta prova de identidade dada àqueles a quem o Espírito amava não é tocante e apta a fazer encarar a vida futura sob seu aspecto mais consolador? Eis a comunicação recebida do Sr. Demeure, no dia seguinte a esta sessão:

“Meus bons amigos, estou ao vosso lado e vos amo sempre como no passado. Que felicidade poder comunicar-me com os que me são caros! Como fiquei feliz, ontem à noite, por me tornar útil e aliviar nossa cara médium vidente! É uma experiência que me servirá e que porei em prática no futuro, sempre que se apresentar uma ocasião favorável. Hoje seu filho está muito doente, mas espero que logo o curemos. Tudo isto lhe dará coragem para perseverar no estudo do desenvolvimento de sua faculdade. (O filho da Sra. G... realmente foi curado de uma angina inflamatória, com medicação homeopática ordenada pelo Espírito).

“Daqui a algum tempo poderemos fornecer-vos ocasião de testemunhardes fenômenos que ainda não conheceis, e que serão de grande utilidade para a ciência espírita. Ficarei feliz em poder contribuir pessoalmente nessas manifestações, que teria tido muito prazer em ver quando vivo, mas, graças a Deus, hoje as assisto de maneira muito particular e que me prova evidentemente a verdade do que se passa entre vós.

Crede, meus bons amigos, que sinto sempre um verdadeiro prazer em me tornar útil aos meus semelhantes, e em ajudá-los a propagar estas belas verdades que devem mudar o mundo, trazendo-o a melhores sentimentos.

“Adeus, meus amigos. Até à vista.

ANTOINE DEMEURE

Não é curioso ver um Espírito, já sábio na Terra, como Espírito fazer estudos e experiências para adquirir mais habilidade no alívio de seus semelhantes? Há nesta confissão uma louvável modéstia que confere o verdadeiro mérito, ao passo que os Espíritos pseudossábios geralmente são presunçosos.

O último número da *Revista* cita uma comunicação do Sr. Demeure, como dada em Montauban a 1º de fevereiro. Foi a 26 de janeiro que ele a ditou. Essa data tem, na minha opinião, uma certa importância, porque foi o dia seguinte ao da sua morte. No segundo parágrafo diz ele:... “Gozo de uma lucidez rara nos Espíritos há tão pouco tempo desprendidos da matéria.” Com efeito, essa lucidez prova um rápido desprendimento que é próprio dos Espíritos moralmente muito adiantados.

OBSERVAÇÃO: A cura relatada acima é um exemplo da ação do magnetismo espiritual puro, sem qualquer mistura do magnetismo humano. Por vezes os Espíritos se servem de médiuns especiais, como condutores de seu fluido. São os *médiuns curadores* propriamente ditos, cuja faculdade apresenta graus muito diversos de energia, conforme sua aptidão pessoal e a natureza dos Espíritos pelos quais são assistidos. Conhecemos em Paris uma pessoa há oito meses atingida de exostoses na anca e no joelho, que lhe causam grandes sofrimentos e a prendem ao leito. Um de seus jovens amigos, dotado dessa preciosa faculdade, lhe deu cuidados pela simples imposição das mãos, durante alguns minutos, sobre a cabeça, e pela prece, que o doente acompanhava com fervor edificante. Este último experimentava, no momento, uma crise muito dolorosa, análoga à sentida pela Sra. G..., logo seguida de uma calma perfeita. Então sentia a impressão enérgica de várias mãos, que massageavam e estiravam a perna, que se via alongar-se de 10 a 12 centímetros. Nele já há uma melhora muito sensível, porque começa a andar, mas a antiguidade e a gravidade do mal necessariamente tornam a cura mais difícil e mais demorada que uma simples entorse.

Faremos observar que a mediunidade curadora ainda não é apresentada, ao que saibamos, com caracteres de generalidade e de universalidade, mas, ao contrário, restrita como aplicação, isto é, que o médium tem uma ação mais poderosa sobre certos indivíduos do que sobre outros, e não cura todas as doenças. Compreende-se que assim deva ser, quando se conhece o papel capital que representam as afinidades fluídicas em todos os fenômenos da mediunidade. Algumas pessoas só gozam dela acidentalmente e para um determinado caso. Seria, pois, um erro crer que, pelo fato de termos obtido uma cura, mesmo difícil, podem ser obtidas todas, pela razão que o fluido próprio de certos doentes é refratário ao fluido do médium. A cura é tanto mais fácil quanto mais naturalmente se opera a assimilação dos fluidos. Assim, é surpreendente que algumas

peças frágeis e delicadas exerçam uma ação poderosa sobre indivíduos fortes e robustos. É que nesse caso, essas pessoas são bons condutores do fluido espiritual, ao passo que homens vigorosos podem ser maus condutores. Eles têm somente seu fluido pessoal, fluido humano que jamais tem a pureza e o poder reparador do fluido depurado dos bons Espíritos.

De acordo com isto, compreendem-se as causas maiores que se opõem a que a mediunidade curadora se torne uma profissão. Para dela fazer ocupação, seria preciso ser dotado de uma faculdade universal. Ora, só Espíritos encarnados da mais elevada ordem poderiam possuí-la nesse grau. Ter essa presunção, mesmo exercendo-a com desinteresse e por pura filantropia, seria uma prova de orgulho que por si só seria um sinal de inferioridade moral.

A verdadeira superioridade é modesta. Ela faz o bem sem ostentação e apaga-se em vez de procurar o brilho. Aquele que tem renome vai buscá-la e a descobre, ao passo que o presunçoso corre à busca do renome que muitas vezes lhe escapa. Jesus dizia àqueles que ele havia curado: “Ide, dai graças a Deus e não o digais a ninguém.” É uma grande lição para os médiuns curadores.

Lembraremos aqui que a mediunidade curadora está exclusivamente na ação fluídica mais ou menos instantânea³²; que ela não deve ser confundida com o magnetismo humano, nem com a faculdade que têm certos médiuns de receber dos Espíritos a indicação de remédios. Estes últimos são apenas *médiuns receitistas*, como outros são médiuns poetas ou desenhistas.

Allan Kardec³³

³² Veja-se: Revista Espírita, março de 1868 - Ensaio teórico das curas instantâneas.

³³ Revista Espírita, abril de 1865 - Poder curativo do magnetismo espiritual.

Magnetismo e Espiritismo

(Sexto artigo)

Dando sequência à série de artigos sobre esse tema, vamos reproduzir abaixo um artigo publicado por Allan Kardec mostrando a ação do magnetismo na mediunidade. Vê-se que aqueles que dizem que o Magnetismo nada tem a ver com o Espiritismo o fazem por ignorância ou agem de má fé. Vamos ao artigo.

A mediunidade no copo d'água³⁴

Um dos nossos correspondentes de Genebra nos envia interessantes detalhes sobre um novo gênero de mediunidade vidente, que consiste em ver em um copo d'água magnetizada. Essa faculdade tem muitas relações com a do vidente de Zimmerwald, de que demos conta circunstanciada na *Revista* de outubro de 1864³⁵ e outubro de 1865³⁶. A diferença consiste em que este último se serve de um copo vazio, sempre o mesmo, e que a faculdade lhe é, de certo modo, pessoal. Ao contrário, o fenômeno que nos é assinalado, se produz com o auxílio do primeiro copo que aparece, contendo água magnetizada e parece que deveria vulgarizar-se. Se assim é, a mediunidade vidente poderia tornar-se tão comum quanto a escrita.

Eis as informações que nos são dadas, segundo as quais cada um poderá experimentar, colocando-se em condições favoráveis:

“A mediunidade vidente pelo copo d'água magnetizada acaba de se revelar entre nós num certo número de pessoas. Em um mês temos quinze médiuns videntes deste gênero, cada um com a sua especialidade. Um dos melhores é uma jovem senhora que não sabe ler nem escrever; ela é mais particularmente própria para as doenças, e eis como nossos bons Espíritos procedem para nos mostrar o mal e o remédio. Eu tomo um exemplo ao acaso: Uma pobre mulher que se achava na reunião havia recebido um rude golpe no peito. Ela apareceu no copo absolutamente como uma fotografia; levou a mão sobre a parte ofendida. A Sra. V... (o médium) viu a seguir o peito se abrir e notou que havia sangue coagulado no lugar onde tinha sido dado o golpe; depois tudo desapareceu para dar lugar à imagem dos remédios, que consistiam num emplastro de resina branca e um copo contendo benjoim. A senhora ficou perfeitamente curada depois de haver seguido o tratamento.

³⁴ Revista Espírita, junho de 1868 - A mediunidade no copo d'água

³⁵ Revista Espírita, outubro de 1864 - O sexto sentido e a visão espiritual.

³⁶ Revista Espírita, outubro de 1865 - Novos estudos sobre os espelhos mágicos ou psíquicos - O vidente da floresta de Zimmerwald.

“Quando se trata de um obsedado, o médium vê os maus Espíritos que o atormentam; a seguir aparecem, como remédio, o Espírito simbolizando a prece, e duas mãos que magnetizam.

“Temos outro médium cuja especialidade é ver os Espíritos. Pobres Espíritos sofredores muitas vezes nos têm apresentado, por seu intermédio, cenas comovedoras, para nos fazer compreender as suas angústias. Um dia evocamos o Espírito de um indivíduo que se havia afogado voluntariamente; ele apareceu na água turva; não se lhe via senão a parte posterior da cabeça e os cabelos meio mergulhados na água. Durante duas sessões foi-nos impossível ver-lhe o rosto. Fizemos a prece pelos suicidas; no dia seguinte o médium viu a cabeça fora da água e foi possível, pelos traços, reconhecer o parente de uma das pessoas da Sociedade. Continuamos nossas preces, e agora o rosto tem a expressão de sofrimento, é certo, mas parece retomar a vida.

“Há algum tempo, em casa de uma senhora que reside num dos subúrbios de Genebra, produziam-se ruídos semelhantes aos de Poitiers, que causavam grande emoção em toda a casa. Essa senhora, que absolutamente não conhecia o Espiritismo, tendo dele ouvido falar, veio nos ver com seu irmão, pedindo para assistir às nossas sessões. Nenhum dos nossos médiuns os conhecia. Um deles viu em seu copo uma casa, em cujo interior um mau Espírito punha tudo em desordem; mexia os móveis e quebrava a louça. Pela descrição que ele fez, aquela senhora reconheceu a mulher de seu jardineiro, muito má em vida, e que lhe tinha dado muito prejuízo. Dirigimos a esse Espírito algumas palavras benevolentes para trazê-lo a melhores sentimentos. À medida que lhe falavam, seu rosto tomava uma expressão mais suave. No dia seguinte, fomos à casa dessa senhora, e à noite foi completado o trabalho da véspera. Os ruídos cessaram quase que inteiramente, depois da partida da cozinheira, que aparentemente servia de médium inconsciente àquele Espírito. Como tudo tem sua razão de ser e sua utilidade, penso que tais ruídos tinham por objetivo trazer aquela família ao conhecimento do Espiritismo.

“Agora, eis o que nossas observações nos ensinavam quanto à maneira de operar: É preciso um copo liso, com o fundo também liso; põe-se água até à metade, magnetizando-a pelos processos comuns, isto é, pela imposição das mãos, e sobretudo pela extremidade dos dedos, à boca do copo, com o auxílio da ação contínua do olhar e do pensamento. A duração da magnetização é de cerca de dez minutos, na primeira vez; depois bastam cinco minutos. A mesma pessoa pode magnetizar vários copos ao mesmo tempo.

“O médium vidente, ou aquele que quer experimentar, não deve magnetizar seu próprio copo, pois gastaria fluidos que lhe são necessários para ver. Para a magnetização é necessário um médium especial, e para isto há médiuns dotados de um poder mais ou menos grande. A ação magnética não produz na água qualquer fenômeno que indique a sua saturação.

“Feito isto, cada experimentador coloca o copo à sua frente e o olha durante vinte ou trinta minutos, no máximo, às vezes menos, conforme a aptidão. Esse tempo só é necessário nas primeiras tentativas; quando a faculdade está desenvolvida, bastam

alguns minutos. Durante esse tempo, uma pessoa faz a prece para pedir o concurso dos bons Espíritos.

“Os que são aptos a ver, distinguem, a princípio, no fundo do copo, uma espécie de nuvenzinha; é um indício certo de que eles verão; pouco a pouco essa nuvem toma uma forma mais acentuada, e a imagem se desenha à vista do médium. Os médiuns, entre si, podem ver nos copos uns dos outros, mas não as pessoas que não sejam dotadas dessa faculdade. Algumas vezes parte do assunto aparece num copo e a outra parte em outro; por exemplo, para as doenças, um verá o mal e o outro o remédio. Outras vezes, dois médiuns verão simultaneamente, cada um em seu copo, a figura da mesma pessoa, mas geralmente em condições diferentes.

“Muitas vezes a imagem se transforma, muda de aspecto, depois desaparece. Muito geralmente é espontânea; o médium deve esperar e dizer o que vê, mas também pode ser provocada por uma evocação.

“Ultimamente fui ver uma senhora que tem uma jovem operária de dezoito anos, que jamais havia ouvido falar do Espiritismo. Essa senhora pediu-me que lhe magnetizasse um copo d'água. A moça nele olhou cerca de um quarto de hora, e disse: ‘Vejo um braço; dir-se-ia que é o de minha mãe; vejo a manga do seu vestido arregaçada, como era seu costume.’ Essa mãe, que conhecia a sensibilidade de sua filha, sem dúvida não quis mostrar-se subitamente, para lhe evitar uma impressão muito grande. Então pedi àquele Espírito, se fosse o da mãe da médium, que se fizesse reconhecer. O braço desapareceu e o Espírito se apresentou do tamanho de uma fotografia, mas virado de costas. Era ainda uma precaução para preparar sua filha para vê-la. Esta reconheceu o seu gorro, um fichu, as cores e o modelo de seu vestido; vivamente comovida, ela lhe dirigiu as mais ternas palavras, para lhe pedir que deixasse ver o seu rosto. Eu mesmo lhe pedi que atendesse ao pedido de sua filha. Então ela se apagou, a nuvem sumiu e o rosto apareceu. A jovem chorou de reconhecimento, agradecendo a Deus a dádiva que lhe acabara de conceder.

“A própria senhora desejava muito ver. No dia seguinte, em sua casa, fizemos uma sessão que foi cheia de ensinamentos. Depois de inutilmente haver olhado no copo cerca de meia hora, disse ela: ‘Meu Deus! se pudesse apenas ver o diabo no copo, ficaria contente!’ Mas Deus não lhe concedeu essa satisfação.

“Os incrédulos não deixarão de levar esses fenômenos à conta de imaginação. Mas os fatos aí estão para provar que, numa porção de casos, a imaginação nada tem a ver. Para começar, nem todo mundo vê, por mais desejo que tenha. Eu mesmo muitas vezes fiquei com o espírito excitado com esse objetivo, sem jamais obter o mínimo resultado. A senhora de quem acabo de falar, a despeito de seu desejo de ver o diabo, após meia hora de espera e de concentração, nada viu. A jovem não pensava em sua mãe, quando esta lhe apareceu; e depois, as precauções para só se mostrar gradualmente, atestam uma combinação, uma vontade estranha, nas quais a imaginação da médium não podia absolutamente participar.

“Para ter uma prova ainda mais positiva, fiz a seguinte experiência. Tendo ido passar alguns dias no campo, a algumas léguas de Genebra, havia várias crianças na família com quem me achava. Como faziam muito barulho, eu lhes propus, para ocupá-

las, um jogo mais calmo. Tomei um copo d'água e o magnetizei, sem que ninguém o percebesse, e lhes disse: 'Qual de vocês terá a paciência de olhar este copo durante vinte minutos, sem desviar os olhos?' Evitei acrescentar que eles poderiam nele ver alguma coisa; era a título de simples passatempo. Várias perderam a paciência antes do fim da prova; uma menina de onze anos foi mais perseverante; ao cabo de doze minutos, ela soltou um grito de alegria e disse que via uma paisagem magnífica, cuja descrição fez. Uma outra menina de sete anos, por sua vez, tendo querido olhar, adormeceu instantaneamente. Com medo de fatigá-la, logo a despertei. Onde está aqui o efeito da imaginação?

"Esta faculdade pode, pois, ser experimentada numa reunião de pessoas, mas não aconselho que nas primeiras experiências sejam admitidas pessoas hostis. Sendo necessários a calma e o recolhimento, a faculdade se desenvolverá mais facilmente. Quando consolidada, ela é menos suscetível de ser perturbada.

"O médium só vê com os olhos abertos; quando os fecha, está na escuridão. É, pelo menos, o que temos observado, e isto denota uma variedade na mediunidade vidente. O médium não fecha os olhos senão para descansar, o que lhe acontece duas ou três vezes por sessão. Ele vê tão bem de dia quanto de noite, mas à noite é preciso luz.

"A imagem das pessoas vivas se apresenta no copo tão facilmente quanto a das pessoas mortas. Tendo perguntado a razão disto ao meu Espírito familiar, ele respondeu: 'São suas *imagens* que nós vos apresentamos; os Espíritos são tão capazes de pintar, quanto de viajar.' Entretanto, os médiuns distinguem sem esforço uma pessoa viva de um Espírito, pois há nele qualquer coisa de menos material.

"O médium do copo d'água difere do sonâmbulo pelo fato que o Espírito deste último se destaca; é-lhe necessário um fio condutor para ir buscar a pessoa ausente, ao passo que o primeiro tem a imagem dela sob os seus olhos, que é o reflexo da alma e dos pensamentos da pessoa. Ele se afadiga menos que o sonâmbulo, e é menos exposto a se deixar intimidar à vista dos maus Espíritos que podem apresentar-se. Esses Espíritos podem fatigá-lo, porque procuram magnetizá-lo, mas ele pode, à vontade, subtrair-se ao seu olhar e, aliás, deles recebe uma impressão menos direta.

"Dá-se nesta mediunidade como em todas as outras: o médium atrai para si os Espíritos que lhe são simpáticos; ao médium impuro apresentam-se, de bom grado, Espíritos impuros. O meio de atrair os bons Espíritos é estar animado de bons sentimentos; de não pedir senão coisas justas e razoáveis; de não se servir desta faculdade senão para o bem, e não para coisas fúteis. Se dela fizermos um objeto de distração, de curiosidade ou de negócios, cairemos inevitavelmente na turba de Espíritos levianos e enganadores, que se divertem em apresentar imagens ridículas e falaciosas."

Muitos entrarão no Espiritismo por essa porta

OBSERVAÇÃO: Como princípio, esta mediunidade certamente não é nova. Mas aqui se desenha de maneira mais precisa, sobretudo mais prática, e se mostra em condições particulares. Pode-se, pois, considerá-la como uma das variedades que foram anunciadas. Do ponto de vista da ciência espírita, ela nos faz penetrar mais adiante o

mistério da constituição íntima do mundo invisível, cujas leis conhecidas confirma, ao mesmo tempo que nos mostra suas novas aplicações. Ela ajudará a compreender certos fenômenos ainda incompreendidos da vida diária e, por sua vulgarização, não pode deixar de abrir uma nova via à propagação do Espiritismo. Quererão ver, experimentarão; quererão compreender, estudarão, e muitos entrarão no Espiritismo por essa porta.

Este fenômeno oferece uma particularidade notável. Até agora compreendemos a visão direta dos Espíritos em certas condições; a visão à distância de objetos reais é hoje uma teoria elementar. Mas aqui não são os próprios Espíritos que são vistos, e que não podem vir alojar-se num copo d'água, assim como não vêm as casas, as paisagens e as pessoas vivas.

Ademais, seria um erro querer que aí estivesse um meio melhor que outro de saber tudo o que se deseja. Os médiuns videntes, por este processo ou por qualquer outro, não veem à vontade. Eles não veem senão o que os Espíritos lhes querem fazer ver, ou têm a permissão de lhes fazer ver quando a coisa é útil. Não se pode forçar nem a vontade dos Espíritos nem a faculdade dos médiuns. Para o exercício de uma faculdade medianímica qualquer, é preciso que o aparelho sensitivo, se assim se pode dizer, esteja em estado de funcionar. Ora, não depende do médium fazê-lo funcionar à sua vontade. Eis por que a mediunidade não pode ser uma profissão, pois ela poderia faltar no momento em que fosse necessária para satisfazer o cliente; daí a incitação à fraude, para simular a ação do Espírito.

Prova a experiência que os Espíritos, sejam quais forem, *jamaís* estão ao capricho dos homens, assim como não o estavam neste mundo, e menos ainda. Por outro lado, diz o simples bom-senso que, com mais forte razão, os Espíritos sérios não poderiam atender ao apelo, do primeiro que chegasse, para coisas fúteis e representar o papel de saltimbancos e ledores da sorte. Só o charlatanismo pode pretender a possibilidade de manter aberto um ofício de comércio com os Espíritos.

Os incrédulos riem dos espíritas porque imaginam que estes acreditam em Espíritos confinados numa mesa ou numa caixa, e que os manobram como marionetes. Eles acham isso ridículo, e têm toda razão. Onde estão errados é em crer que o Espiritismo ensine semelhantes absurdos, quando ele diz positivamente o contrário. Se, por vezes, no mundo, eles encontraram alguns de uma credulidade muito fácil, não foi entre os espíritas esclarecidos; ora, pelo número, há necessariamente aqueles que o são mais ou menos, como em todas as ciências.

Os Espíritos não estão alojados no copo d'água, eis o que é positivo. O que há, pois, no copo? Uma imagem, e não outra coisa; imagem tirada da natureza, razão pela qual muitas vezes é exata. Como é produzida? Eis o problema. O fato existe, portanto tem uma causa. Embora ainda não se lhe possa dar uma solução completa e definitiva, o artigo seguinte nos parece lançar uma grande luz sobre a questão.³⁷ (Allan Kardec)

³⁷ Refere-se ao artigo "[Fotografia do pensamento](#)".

Magnetismo e Espiritismo

(Sétimo artigo)

Mediunidade e magnetismo

A faculdade mediúnica, como o ensina o Espiritismo, está ligada ao organismo. No entanto, não são todos os médiuns que compreendem o que isso significa. Por isso vamos reproduzir aqui algumas explicações dadas por Allan Kardec a esse respeito, a fim de que fique mais fácil o entendimento do que o Espírito do Sr. Quinemant explica em sua dissertação, reproduzida na sequência.

"*O Visitante*. – Há algum sinal pelo qual se possa reconhecer essa aptidão?"

Allan Kardec. – Até ao presente não se conhece nenhum diagnóstico para a mediunidade; todos os que se acreditou reconhecê-la são sem valor; experimentar é o único meio de saber se se é dotado. De resto, os médiuns são muito numerosos, e bem raro é que, no caso em que não se seja médium, não se encontre um em qualquer membro de sua família, ou nas pessoas ao seu redor. O sexo, a idade e o temperamento são indiferentes; encontramos-os entre os homens e entre as mulheres, entre as crianças e os velhos, entre pessoas saudáveis e entre os que estão doentes.

Se a mediunidade se traduzisse por um sinal exterior qualquer, isto implicaria a permanência da faculdade, ao passo que ela é essencialmente móbil e fugaz. Sua causa física está na assimilação mais ou menos fácil dos fluidos perispirituais do encarnado e do Espírito desencarnado; sua causa moral está na vontade do Espírito que se comunica quando isto lhe apraz, e não à nossa vontade, donde resulta: 1º, que nem todos os Espíritos podem se comunicar indiferentemente por todos os médiuns; 2º, que todo médium pode perder ou ver suspensa sua faculdade, quando ele menos espera. Estas poucas palavras bastam para mostrar-vos que há todo um estudo a fazer para poder dar-se conta das variações que esse fenômeno apresenta."³⁸

(...) Limito-me a dizer que as afinidades fluídicas, que são o princípio mesmo das faculdades medianímicas, são *individuais* e não *gerais*, que podem existir do médium para tal Espírito e não para tal outro; que, sem essas afinidades, cujas variantes são múltiplas, as comunicações são incompletas, falsas ou impossíveis; que, as mais das vezes, a assimilação fluídica entre o Espírito e o médium só se estabelece depois de algum tempo, ou somente *uma vez em dez* acontece que ela seja completa desde a primeira vez. A mediunidade, como vedes, cavalheiro, é subordinada a leis de alguma sorte orgânicas, às quais todo médium está sujeito; ora, não se pode negar que isto é um obstáculo para a

³⁸ O que é o Espiritismo? Cap. I - Pequena conferência Espírita - Segundo diálogo - O céptico - Meios de comunicação. (Ed. de 1865.)

mediunidade de profissão, porque a possibilidade e a exatidão das comunicações são um produto de causas que não dependem do médium nem do Espírito.”³⁹

"Qualquer que seja a natureza dos médiuns escreventes, quer sejam mecânicos, semimecânicos ou simplesmente intuitivos, nossos procedimentos de comunicação com eles não variam essencialmente. De fato, nós nos comunicamos com os Espíritos encarnados, como com os Espíritos propriamente ditos, tão só pela irradiação do nosso pensamento.

"Os nossos pensamentos não precisam da vestimenta da palavra para serem compreendidos pelos Espíritos, e todos os Espíritos percebem o pensamento que lhes desejamos comunicar, sendo suficiente que lhes dirijamos esse pensamento e isto em razão de suas faculdades intelectuais. Quer dizer que tal pensamento pode ser compreendido por tais ou quais, segundo seu adiantamento, enquanto que para tais outros, esse pensamento, não despertando nenhuma lembrança, nenhum conhecimento no fundo de seu coração ou de seu cérebro, não é perceptível.(...) Erasto⁴⁰

O Magnetismo e o Espiritismo comparados

(Sociedade de Paris, 12 de maio de 1867, médium, Sr. Desliens)

“Ocupei-me em vida da prática do magnetismo do ponto de vista exclusivamente material; ao menos assim eu acreditava. Hoje sei que a elevação voluntária ou involuntária da alma que faz desejar a cura do doente é uma verdadeira magnetização espiritual.

“A cura se deve a causas excessivamente variáveis: Tal moléstia, tratada de tal maneira, cede ante a força da ação material; tal outra, que é idêntica, mas menos acentuada, não experimenta qualquer melhora, ainda que os meios curativos empregados talvez sejam ainda mais potentes. A que se devem, então, essas variações de influências? – A uma causa ignorada pela maioria dos magnetizadores que atacam apenas os princípios mórbidos materiais, enquanto elas são consequência da situação moral do indivíduo.

“A doença material é um efeito; para destruí-lo não basta atacá-lo, tomá-lo corpo a corpo e o aniquilar; existindo sempre a causa, ela reproduzirá novos efeitos mórbidos quando a ação curativa estiver afastada.

“O fluido transmissor da saúde no magnetismo é um intermediário entre a matéria e a parte espiritual do ser, que poderíamos comparar ao perispírito. Ele une dois corpos um ao outro; é um ponto sobre o qual passam os elementos que devem levar a cura aos

³⁹ O que é o Espiritismo? Pequena conferência Espírita - Segundo diálogo - O céptico - Médiuns interesseiros.

⁴⁰ O Livro dos Médiuns -Segunda parte - Das manifestações espíritas, cap. XIX - Do papel dos médiuns nas comunicações espíritas, item 225.

órgãos doentes. Sendo um intermediário entre o Espírito e a matéria, esse fluido pode transmitir, por consequência de sua composição molecular, tão bem uma influência espiritual quanto uma influência puramente animal.

“O que é, em definitivo, o Espiritismo, ou melhor, o que é a mediunidade, essa faculdade até aqui incompreendida, cuja extensão considerável estabeleceu sobre bases incontestáveis os princípios fundamentais da nova revelação? É pura e simplesmente uma variedade da ação magnética exercida por um ou vários magnetizadores *desencarnados*, sobre um sujeito humano, agindo no estado de vigília ou no estado extático, consciente ou inconscientemente.

"Por outra parte, o que é o magnetismo? Uma variedade do Espiritismo na qual Espíritos *encarnados* agem sobre outros Espíritos encarnados.

“Existe, enfim, uma terceira variedade do magnetismo ou do Espiritismo, conforme se toma como ponto de partida a ação de encarnados sobre encarnados, ou a dos Espíritos relativamente livres sobre Espíritos aprisionados num corpo; esta terceira variedade, que tem por princípio a ação dos encarnados sobre os Espíritos, revela-se no tratamento e na moralização dos Espíritos obsessores.

“O Espiritismo não é, pois, senão o magnetismo espiritual, e o magnetismo não é outra coisa senão o Espiritismo humano.

“Com efeito, como procede o magnetizador que quer submeter à sua influência um sujeito sonambúlico? Ele envolve-o em seu fluido; ele o possui numa certa medida e, notai-o, sem jamais aniquilar seu livre-arbítrio, sem poder transformá-lo em coisa sua, um instrumento puramente passivo. Quase sempre o magnetizado resiste à influência do magnetizador, e age num sentido quando este desejaria que a ação fosse diametralmente oposta. Embora geralmente o sonâmbulo esteja adormecido, e que o seu próprio Espírito aja enquanto o seu corpo fica mais ou menos inerte, também acontece, embora mais raramente, que o sujeito simplesmente fascinado, iluminado, fique em estado de vigília, embora com maior tensão de espírito e uma exaltação inabitual de suas faculdades.

“E agora, como procede o Espírito que deseja se comunicar? Envolve o médium com o seu fluido; possui-o em certa medida, sem jamais fazer dele sua coisa, um instrumento puramente passivo. Objetar-me-eis, talvez, que nos casos de obsessão, de possessão, o aniquilamento do livre-arbítrio parece ser completo. Haveria muito a dizer sobre esta questão, porque a ação aniquiladora se exerce mais sobre as forças vitais materiais do que sobre o Espírito, que pode achar-se paralisado, abatido e impotente para resistir, mas cujo pensamento jamais é aniquilado, como foi possível constatar em muitas ocasiões. Mesmo no próprio fato da obsessão, encontro uma confirmação, uma prova em apoio à minha teoria, lembrando que a obsessão se exerce também *de encarnado a encarnado*, e porque vimos magnetizadores aproveitar-se do império que exerciam para levar seus sonâmbulos a cometerem ações censuráveis. Aqui, como sempre, a exceção confirma a regra.

"Embora geralmente o sujeito medianímico esteja desperto, em certos casos, que se tornam cada vez mais frequentes, o sonambulismo espontâneo se declara no médium, e ele fala por si mesmo, ou por sugestão, absolutamente como o sonâmbulo magnético se conduz nas mesmas circunstâncias.

“Enfim, como procedeis com relação aos Espíritos obsessores ou simplesmente inferiores que desejais moralizar? Agis sobre eles por atração fluídica; vós os magnetizais, as mais das vezes inconscientemente, para retê-los em vosso círculo de ação, e algumas vezes conscientemente, quando estabeleceis em torno deles uma toalha fluídica que eles não podem penetrar sem vossa permissão, e agis sobre eles pela força moral, que não é outra coisa senão uma ação magnética quintessenciada.

“Como vos foi dito muitas vezes, não há lacunas na obra da natureza, nem saltos bruscos, mas transições insensíveis que fazem com que se passe pouco a pouco de um estado e outro, sem que se aperceba da mudança, a não ser pela consciência de uma situação melhor.

“O magnetismo é, pois, um grau inferior do Espiritismo, e que insensivelmente se confunde com este último por uma série de variedades, diferindo pouco uma da outra, como o animal é um estado superior da planta, etc. Num caso como no outro, são dois degraus da escada infinita que liga todas as criações, desde o ínfimo átomo até Deus criador! Acima de vós está a luz ofuscante, que vossos fracos olhos ainda não podem suportar; abaixo estão as trevas profundas que os vossos mais poderosos instrumentos de óptica ainda não puderam esclarecer. Ontem nada sabíeis; hoje vedes o abismo profundo no qual se perde a vossa origem. Presentis o objetivo infinitamente perfeito para o qual tendem todas as vossas aspirações. A quem deveis todos esses conhecimentos? Ao magnetismo! Ao Espiritismo! A todas as revelações que decorrem de uma lei de relação universal entre todos os seres e seu criador! A uma ciência surgida ontem por vossa concepção, mas cuja existência se perde na noite dos tempos porque é uma das bases fundamentais da criação.

“De tudo isto, concluo que o magnetismo, desenvolvido pelo Espiritismo, é a pedra angular da saúde moral e material da Humanidade futura.”

“E. QUINEMANT.”

OBSERVAÇÃO: A justeza das apreciações e a profundidade do novo ponto de vista que encerra esta comunicação, a ninguém escapam. Embora desencarnado há bem pouco tempo, o Sr. Quinemant se revela, logo de saída, e sem a menor hesitação, como um Espírito de incontestável superioridade. Tão logo desprendido da matéria, que não parece haver deixado sobre ele qualquer traço, ele manifesta suas faculdades com uma força notável que promete aos seus irmãos da Terra mais um bom conselheiro.

Os que pretendiam que o Espiritismo se arrastava na rotina dos lugares-comuns e das banalidades, podem ver, pelas questões que ele aborda há algum tempo, se ele fica estacionário; e eles o verão ainda melhor à medida que lhe for permitido desenvolver as suas conseqüências. No entanto, ele não ensina, propriamente falando, nada de novo. Se estudados cuidadosamente os seus princípios constitutivos fundamentais, vê-se que eles encerram o germe de tudo. Mas esses germes só se podem desenvolver gradativamente; se nem todos florescem ao mesmo tempo, é que a extensão do círculo de suas atribuições não depende *da vontade dos homens*, mas da vontade dos Espíritos, que regulam o grau de seus ensinamentos de acordo com a oportunidade. É em vão que os

homens gostariam de antecipar-se ao tempo, pois eles não podem constranger a vontade dos Espíritos que agem conforme as inspirações superiores, e não se deixam levar pela impaciência dos encarnados. Se necessário, eles sabem *tornar estéril essa impaciência*. Deixemo-los pois agir; fortaleçamo-nos no que eles nos ensinam, e estejamos certos de que eles saberão, em tempo útil, fazer com que o Espiritismo dê o que ele deve dar.”⁴¹

⁴¹ Revista Espírita, junho de 1867 - Dissertações espíritas - O Magnetismo e o Espiritismo comparados. Veja-se também: Revista Espírita, janeiro de 1863 - Estudos sobre os possessos de Morzine - Causas de obsessão e meios de combate.

Magnetismo e Espiritismo

(Oitavo artigo)

Vamos encerrar a série de artigos sobre Magnetismo e Espiritismo reproduzindo abaixo um instrutivo artigo publicado pelo Sr. Allan Kardec, intitulado:

Médiuns curadores⁴²

Um oficial de caçadores, espírita de longa data, e um dos numerosos exemplos de reformas morais que o Espiritismo pode operar, nos transmite os detalhes seguintes:

“Caro mestre,

“Aproveitamos as longas horas de inverno para nos entregarmos com ardor ao desenvolvimento de nossas faculdades medianímicas. A tríade do 4.º regimento de caçadores, sempre unida, sempre viva, inspira-se em seus deveres, e ensaia novos esforços. Sem dúvida desejais conhecer o objeto de nossos trabalhos, a fim de saber se o campo que cultivamos não é estéril. Podereis julgá-lo pelos detalhes seguintes:

“De alguns meses para cá, nossos trabalhos têm por objeto o estudo dos fluidos. Esse estudo desenvolveu em nós a mediunidade curadora: também nós a aplicamos agora com sucesso. Há alguns dias, uma simples emissão fluídica de cinco minutos, com minha mão, bastou para tirar uma nevralgia violenta.

“Há vinte anos a Sra. P... estava afetada por uma hiperestesia aguda ou exagerada sensibilidade da pele, moléstia que há quinze anos a retinha em seu quarto. Ela mora numa pequena cidade vizinha, e tendo ouvido falar de nosso grupo espírita, veio buscar alívio junto de nós. Ao cabo de trinta e cinco dias ela voltou para casa completamente curada. Durante esse tempo ela recebeu diariamente um quarto de hora de emissão fluídica, com o concurso de nossos guias espirituais.

“Ao mesmo tempo estendíamos os nossos cuidados a um epilético, afetado por esse mal há vinte e sete anos. As crises se repetiam quase todas as noites, durante as quais sua mãe passava longas horas à sua cabeceira. Trinta e cinco dias bastaram para essa cura importante, e como ficou feliz aquela mãe, levando seu filho radicalmente curado! Nós nos revezávamos os três de oito em oito dias. Para a emissão do fluido, ora colocávamos a mão no vazio do estômago do doente, ora sobre a nuca, na raiz do pescoço. Cada dia o doente podia constatar alguma melhora. Nós mesmos, após a evocação e durante o recolhimento, sentíamos o fluido exterior nos invadir, passar em nós e escapar-se dos dedos estirados e do braço distendido para o corpo do paciente que tratávamos.

“Neste momento estamos prestando atendimento a um segundo epilético. Desta vez a moléstia talvez seja mais rebelde, por ser hereditária. O pai deixou nos quatro filhos

⁴² Revista Espírita, janeiro de 1864 - Médiuns curadores.

o germe dessa afecção. Enfim, com a ajuda de Deus e dos bons Espíritos, esperamos reduzi-la nos quatro.

“Caro mestre, reclamamos o socorro de vossas preces e das preces dos irmãos de Paris. Esse auxílio será para nós um encorajamento e um estimulante para os nossos esforços. Depois, vossos bons Espíritos podem vir em nosso auxílio, tornar o tratamento mais salutar e abreviar a sua duração.

“Não aceitamos como recompensa, como podeis imaginar, e ela deve ser suficiente, senão a satisfação de ter feito o nosso dever e de ter obedecido ao impulso dos bons Espíritos. O verdadeiro amor ao próximo trás consigo uma alegria sem mescla e deixa em nós algo de luminoso, que encanta e eleva a alma. Assim procuramos, tanto quanto nos permitem nossas imperfeições, compenetrarmo-nos dos deveres do verdadeiro espírita, que não devem ser senão a aplicação dos preceitos evangélicos.

“O Sr. G... de L... deve trazer-nos o seu cunhado, que um Espírito malévolos subjuga há dois anos. Nosso guia espiritual Lamennais nos encarrega do tratamento dessa rebelde obsessão. Deus nos daria também o poder de expulsar os demônios? Se assim fosse, teríamos que nos humilhar ante tão grande favor, em vez de nos orgulharmos. Quanto maior ainda não seria para nós a obrigação de nos melhorarmos, para testemunhar-lhe o nosso reconhecimento e para não perdermos dons tão preciosos!”

Lida esta carta tão interessante na Sociedade Espírita de Paris, na sessão de 18 de dezembro de 1863, um dos nossos bons médiuns obteve espontaneamente as duas comunicações seguintes:

“Existindo no homem a vontade em diferentes graus de desenvolvimento, em todas as épocas, ela tanto serviu para curar quanto para aliviar. É lamentável sermos forçados a constatar que ela também foi fonte de muitos males, mas isto é uma das consequências do abuso que muitas vezes as pessoas têm feito de seu livre-arbítrio.

“A vontade tanto desenvolve o fluido animal quanto o espiritual, porque, como todos sabeis agora, há vários gêneros de magnetismo, em cujo número estão o magnetismo animal e o magnetismo espiritual que, conforme a ocorrência, pode pedir apoio ao primeiro. Um outro gênero de magnetismo, muito mais poderoso ainda, é a prece que uma alma pura e desinteressada dirige a Deus.

“A vontade muitas vezes foi mal compreendida. Em geral o que magnetiza não pensa senão em desdobrar sua força fluídica, em derramar seu próprio fluido sobre o paciente submetido aos seus cuidados, sem se preocupar se há ou não uma Providência interessada no caso tanto ou mais que ele. Agindo sozinho, ele não pode obter senão o que a sua força sozinha pode produzir, ao passo que nossos médiuns curadores começam por elevar sua alma a Deus e por reconhecer que por si mesmos nada podem. Eles fazem, por isto mesmo, um ato de humildade, de abnegação, e então, confessando-se fracos por si mesmos, Deus, em sua solicitude, lhes envia poderosos socorros que o primeiro não pode obter, porque ele se julga suficiente para o empreendimento. Deus sempre recompensa a humildade sincera, elevando-a, ao passo que rebaixa o orgulho. Esse socorro que ele envia, são os bons Espíritos que vêm penetrar o médium com seu

fluido benéfico, que este transmite ao doente. Também é por isto que o magnetismo empregado pelos médiuns curadores é tão potente e produz essas curas qualificadas de miraculosas, e que são devidas simplesmente à natureza do fluido derramado sobre o médium. Enquanto o magnetizador ordinário se esgota, por vezes em vão, a fazer passes, o médium curador infiltra um fluido regenerador pela simples imposição das mãos, graças ao concurso dos bons Espíritos. No entanto, esse concurso só é concedido à fé sincera e à pureza de intenção.”

MESMER
(Médium, Sr. Albert)

“Uma palavra sobre os médiuns curadores, dos quais acabais de falar. Eles estão todos nas mais louváveis disposições; eles têm a fé que transporta montanhas, o desinteresse que purifica os atos da vida e a humildade que os santifica.

“Que eles perseverem na obra de beneficência que empreenderam; que se lembrem bem que aquele que pratica as leis sagradas que o Espiritismo ensina, aproxima-se constantemente do Criador. Que, ao empregarem sua faculdade, a prece, que é a vontade mais forte, seja sempre o seu guia, seu ponto de apoio.

“Em toda a sua existência, o Cristo vos deu a mais irrefutável prova da mais firme vontade, mas era a vontade do bem e não a do orgulho. Quando, por vezes, ele dizia *eu quero*, essa palavra estava cheia de unção. Seus apóstolos, que o cercavam, sentiam abrir-se seus corações a esta palavra santa.

“A doçura constante do Cristo, sua submissão à vontade de seu Pai, sua perfeita abnegação, são os mais belos modelos de vontade que se pode propor como exemplo.”

PAULO, apóstolo.
(Médium: Sr. Albert)

Algumas explicações facilmente darão a compreender o que se passa nesta circunstância. Sabe-se que o fluido magnético ordinário pode dar a certas substâncias propriedades particulares ativas. Neste caso, ele age de certo modo como agente químico, modificando o estado molecular dos corpos. Não há, pois, nada de extraordinário no fato de ele ter a capacidade de modificar o estado de certos órgãos, mas compreende-se igualmente que sua ação, mais ou menos salutar, deve depender de sua qualidade, daí as expressões “bom ou mau fluido; fluido agradável ou penoso.”

Na ação magnética propriamente dita, é o fluido pessoal do magnetizador que é transmitido, e sabe-se que esse fluido, que não é senão o perispírito, participa sempre, mais ou menos, das qualidades materiais do corpo, ao mesmo tempo que sofre a influência moral do Espírito. É, pois, impossível que o fluido próprio de um encarnado seja de uma pureza absoluta, razão pela qual sua ação curativa é lenta, por vezes nula, outras vezes até nociva, porque ele pode transmitir ao doente princípios mórbidos.

Considerando-se que um fluido é suficientemente abundante e enérgico para produzir efeitos instantâneos de sono, de catalepsia, de atração ou de repulsão, absolutamente não se segue que ele tenha as necessárias qualidades para curar. É a força que derruba, mas não o bálsamo que suaviza e restaura. Dessa forma, há Espíritos desencarnados de ordem inferior cujo fluido pode até mesmo ser muito maléfico, o que os espíritas a cada passo têm ocasião de constatar.

Somente nos Espíritos superiores o fluido perispiritual está despojado de todas as impurezas da matéria; está, de certo modo, *quintessenciado*; sua ação, por conseguinte, deve ser mais salutar e mais pronta: é o fluido benfazejo por excelência. Como ele não pode ser encontrado entre os encarnados, nem entre os desencarnados vulgares, então é preciso pedi-lo aos Espíritos elevados, como se vai procurar em terras distantes os remédios que se não encontram na própria.

O médium curador emite pouco de seu próprio fluido. Ele sente a corrente do fluido estranho que o penetra e para a qual serve de *condutor*. É com esse fluido que ele magnetiza, e aí está o que caracteriza o magnetismo espiritual e o distingue do magnetismo animal: um vem do homem, o outro, dos Espíritos. Como se vê, aí nada existe de maravilhoso, mas um fenômeno resultante de uma lei da Natureza que não era conhecida.

Para curar pela terapêutica ordinária não bastam os primeiros medicamentos que surgem. São necessários medicamentos puros, não avariados ou adulterados, e convenientemente preparados. Pela mesma razão, para curar pela ação fluídica, os fluidos mais depurados são os mais saudáveis. Como esses fluidos benéficos são uma propriedade dos Espíritos superiores, então é o concurso deles que é preciso obter, por isso a prece e a invocação são necessárias. Mas para orar, e sobretudo para orar com fervor, é preciso ter fé. Para que a prece seja escutada, é preciso que seja feita com *humildade* e ditada por um real sentimento de *benevolência e de caridade*. Ora, não há verdadeira caridade sem devotamento, nem devotamento sem desinteresse. Sem estas condições, o magnetizador, privado da assistência dos bons Espíritos, fica reduzido às suas próprias forças, por vezes insuficientes, ao passo que com o concurso deles, elas podem ser centuplicadas em poder e em eficácia. Entretanto, não há licor, por mais puro que seja, que não se altere ao passar por um vaso impuro. Assim acontece com o fluido dos Espíritos superiores, ao passar pelos encarnados. Daí, para os médiuns nos quais se revela essa preciosa faculdade, e que querem vê-la crescer e não se perder, a necessidade de trabalhar por seu melhoramento moral.

Entre o magnetizador e o médium curador há, pois, uma diferença capital, porque o primeiro magnetiza com o seu próprio fluido, e o segundo com o fluido depurado dos Espíritos. Daí se segue que os Espíritos dão o seu concurso a quem querem e quando querem; que podem recusá-lo e, conseqüentemente, tirar a faculdade daquele que dela abusasse ou a desviasse de seu fim humanitário e caridoso para dela fazer comércio.

Quando Jesus disse aos apóstolos: “Ide! Expulsai os demônios, curai os doentes”, ele acrescentou: “Dai de graça o que de graça recebestes.”

Os médiuns curadores tendem a multiplicar-se, como anunciaram os Espíritos, e isto com o objetivo de propagar o Espiritismo, pela impressão que esta nova ordem de

fenômenos não pode deixar de produzir nas massas, porque não há quem não ligue para a sua saúde, mesmo os mais incrédulos. Assim, pois, quando virem que é possível obter com a intervenção dos Espíritos o que a ciência não pode dar, hão de convir que há uma força fora do nosso mundo. Dessa forma, a ciência será conduzida a sair da via exclusivamente material em que permaneceu até hoje. Quando os magnetizadores antiespiritualistas ou antiespíritas virem que existe um magnetismo mais poderoso que o seu, eles serão forçados a remontar à verdadeira causa.

Contudo, importa premunir-se contra o charlatanismo, que não deixará de tentar explorar em proveito próprio esta nova faculdade. Há para isto um meio simples, o de lembrar-se que não há charlatanismo desinteressado, e que o desinteresse absoluto, material e moral, é a melhor garantia de sinceridade. Se há uma faculdade dada por Deus com esse objetivo santo, sem a menor dúvida é esta, porque ela exige imperiosamente o concurso dos Espíritos superiores, e esse concurso não pode ser adquirido pelo charlatanismo. É para que se fique bem conscientizado quanto à natureza toda especial desta faculdade que a descrevemos com alguns detalhes.

Conquanto tenhamos podido constatar-lhe a existência por fatos autênticos, muitos dos quais passados aos nossos olhos, pode-se dizer que ela ainda é rara, e que só existe parcialmente nos médiuns que a possuem, quer por não terem todas as qualidades requeridas para a sua posse em toda a plenitude, quer por estar ela ainda em seu começo. É por isto que até hoje os fatos não tiveram muita repercussão, no entanto, não tardarão a tomar desenvolvimentos de natureza a chamar a atenção geral. Daqui a poucos anos ela se revelará nalgumas pessoas predestinadas para isto, com uma força que triunfará de muitas obstinações, mas estes não são os únicos fatos que o futuro nos reserva, e pelos quais Deus confundirá os orgulhosos e os convencerá de sua impotência. Os médiuns curadores são um dos mil meios providenciais para atingir este objetivo e apressar o triunfo do Espiritismo. Compreende-se facilmente que esta qualificação não pode ser dada aos médiuns escreventes que recebem receitas médicas de certos Espíritos.

Não encaramos a mediunidade curadora senão do ponto de vista fenomênico e como meio de propagação, mas não como recurso habitual. Num próximo artigo trataremos de sua possível aliança com a medicina e com o magnetismo ordinários.

Allan Kardec

Observação: para baixar o PDF ou o EPUB com a coletânea de todos os artigos dessa série, acesse o portal da [Revista Espírita - periódico de divulgação de Espiritismo prático](#).